

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

LEMOS, César Augusto da Silva. *César Augusto da Silva Lemos (depoimento, 2012)*. Museu do Futebol, São Paulo, SP - Brasil. 2013. 83 pg.

CÉSAR AUGUSTO DA SILVA LEMOS
(depoimento, 2012)

Rio de Janeiro
2013

Transcrição

Nome do Entrevistado: César Augusto da Silva Lemos (César Maluco)

Local da entrevista: Museu do Futebol, São Paulo - SP

Data da entrevista: 20 de janeiro de 2012

Nome do projeto: Futebol, Memória e Patrimônio: Projeto de constituição de um acervo de entrevistas em História Oral.

Entrevistadores: Bernardo Buarque de Hollanda (CPDOC/FGV) e Bruno Romano (Museu do Futebol)

Câmera: Fernando Herculiani

Transcrição: Roberta Zanatta

Data da transcrição: 14 de março de 2012

Conferência da Transcrição: Maíra Poletto Mielli

Data da Conferência: 18 de setembro de 2012

** O texto abaixo reproduz na íntegra a entrevista concedida por César Lemos em 20/01/2012. As partes destacadas em vermelho correspondem aos trechos excluídos da edição disponibilizada no portal CPDOC. A consulta à gravação integral da entrevista pode ser feita na sala de consulta do CPDOC.

B.R. – Primeiro boa tarde César, muito obrigada por ter vindo ao Museu do Futebol. A gente pede no começo que você se apresente e diga a data de nascimento e local, para a gente começar o nosso papo.

C.L. – Eu que fico contente, principalmente pelo dia, dia 20 de janeiro, que é dia de São Sebastião, dia da cidade maravilhosa. A cidade maravilhosa ajuda para o Flamengo, uma vez sempre, não é? Eu sou de Niterói, nasci em 1945, estou com 66 anos, vou para 67 agora. Tenho, comigo são seis, são cinco os meus irmãos, comigo seis: o César, que sou eu; tem o Lemos que jogou na Bahia, o primeiro jogador brasileiro a se aposentar com carteira assinada, é o Lemos; depois vem o Marcos, que jogou no juvenil só do Botafogo; aí vem o Caio Cambalhota; e o Luizinho Tombo. Os dois jogaram no Flamengo, o Caio foi o inventor da cambalhota, o Luizinho do tombo, uma história muito... Que quando ele comemorou perto do fosso ali, caiu. [Risos] E o César Maluco sou eu, o Maluco, carinhoso pela torcida. Cheguei em São Paulo, joguei no Flamengo de 1961 até 1966, aquelas minhas brigas depois de subir ao time de cima

Transcrição

querendo jogar no lugar do Silva, desde garoto acho que eu já era maluco, na época, por isso esse apelido de César Maluco. Porque querer jogar no lugar do Batuta era duro e eu brigava, porque tinha que jogar no lugar dele, por essas brigas minhas...

B.H. – Quem colocou o apelido?

C.L. – Foi o Geraldo José de Almeida. Até o filho dele trabalha em uma emissora de televisão aqui. E chegando a São Paulo em 1968 a minha volta ao Palmeiras... Primeiro não, primeiro a turma de 1966 da Primeira Academia, que era: Valdir, Djalma Santos, Djalma Dias, Carabina, Geraldo Scotto; depois, o Ferraz, Zequinha e Dudu; a linha era Gildo, Galhardo, Servílio, Tupãzinho, Agnaldo e César. Então, eles me chamaram de Leão, todos eles: “Leão, *Leão*, *Leão*.”. Leão para cá, Leão para lá. No que eu vim aqui o Geraldo Almeida começou a me chamar de: herdeiro de Vavá. Logo na minha estreia saiu no jornal de esportes do Rio de Janeiro. O primeiro jogo meu aqui no Brasil vestindo aquele manto sagrado do Palmeiras foi contra o Fluminense, que por infelicidade do Caio, lógico que era a infelicidade do César, porque era meu irmão, que era tricolor doente, ganhou de quatro a um e eu fiz dois gols. E saiu no jornal do esporte: surge o César Vavá, o Leão do Parque. Ficou. E a turma da Primeira Academia... Depois da Academia veio a Segunda em 1970, que a Primeira Academia encerrou em 1969, nós fomos bicampeão brasileiro, fomos campeões do Robertão¹, que eu fui artilheiro do Robertão, eu e o Ademar Pantera, falecido, e ganhamos a Taça Brasil, dois títulos, em 1969 ganhamos mais uma vez o Robertão, fomos praticamente tricampeões, e ganhei mais dois campeonatos brasileiros, em 1972 e 1973. Essa Primeira Academia terminou em 1969, incorporou-se em 1970, 1969 para 1970, à Segunda Academia. Só ficou pela idade: o Dudu, Ademir da Guia e o César. Aí veio: Liel, Eurico, Luis Pereira, Alfredo e Zeca, o Dudu já estava; Edu, Leiva, César, que estava, Ademir da Guia e o Nei. Tinha o Nei, tinha o Bill, Serginho. Então eu tive a felicidade... Mas era uma coisa rapaz, eu era tão flamenguista, mas tão flamenguista! Eu era fã do Dida... Era um moleque, não é? Quando o Dida fazia um gol eu chorava, mas chorava, com a camisa do Flamengo para cá e para lá, só andava com a camisa do Flamengo que o meu pai me deu. Eu não queria sair do Flamengo. Aí um dia cheguei na

¹ Torneio Roberto Gomes Pedrosa.

Transcrição

Gávea, de tanto brigar com o [inaudível] para jogar, a torcida pedindo... Ah, santo de casa não faz milagre, tinha aquele papo, não é? Hoje faz milagre, ontem não fazia milagre. E o César: “Não porque o garoto da Gávea, tal...”, era o tanque da Gávea, chamado por Valdir Amaral, era o tanque da Gávea.

B.H. – Você teve vários apelidos então?

C.L. – Vários apelidos, rapaz!

B. H. – E você foi Leão antes do goleiro Leão?

C.L. – Não, eu era chamado como Leão, Leão passou porque acho que é o sobrenome dele, Emerson Leão, e o meu apelido era Leão pela fama do Vavá. Eu vim praticamente pela turma, por essa turma da Primeira Academia: Djalma Santos, Valdir... Eles me deram uma força, o mais novo da turma, cheguei com 19 anos aqui, era o mais novo da turma, o mais novo tinha 26 para 27 anos.

B.H. – Mas então o apelido Maluco era pelo que você fazia em campo, por quê?

C.L. – Porque o Palmeiras era um time tranquilo, um time que era Academia. Eu cheguei já estava formada a Academia, me juntei à Academia, fui mais um da academia. E joguei, dei sorte, o Tupãzinho em uma semana machucou-se e eu entrei no lugar dele e não saí mais. Eu joguei com essa turma de dois para três anos, com essa turma da Academia. E a Academia, a gente fazia um gol, Ademir ia lá e dava um soquinho, Servílio fazia um gol não saía do quadrado ali, não saía do quadrado, e eu cheguei revolucionando, já fui para a arquibancada, já fui para o alambrado, comecei a subir, tal, *tal*, eu sentia que ia fazer um gol ia até o alambrado e não vinha ninguém atrás de mim. Aí eu olhava para trás, estava todo mundo no meio de campo olhando para mim e esperando, eu tinha que vir, chegava perto deles e aí todo mundo cumprimentava. Aí em 1970 começou a todo mundo ir junto comigo, aí eu ia só para o alambrado e o José Geraldo de Almeida: “Lá vai o maluco, ó lá vai o César Maluco.”. Aí a torcida começou: “César Maluco”, carinhosamente pela forma da festa, que não tinha na

Transcrição

academia. E era tão confiante a turma da Primeira Academia, a turma do Valdir e Djalma Santos, que o Santos para a gente era barbada, o Santos teve a sua época, depois de 1965 até 1975 só deu Palmeiras contra o Santos. Aí formou a Academia com o seu Filho Nuñez, o Aymoré Moreira também, mas formou-se a Academia e essa Academia nós tínhamos tanta confiança que nós entrávamos em campo, já tranquilos, tomava um gol, o Djalma Santos ia lá com o goleiro, lá com o Valdir, pedia a bola, vinha aqui. Ia lá, vamos fazer um, calma, calma, um, dois, o ritmo o mesmo, não mudava nada, ia lá, fazia um, dois, três e quando perdia ninguém falava nada no ônibus, vinha todo mundo quieto. Acabou os 90 minutos acabou o papo da bola, não tinha esse papo de bola, o que passou, passou. Então a gente era muito unido, era muito confiante, entendeu? [inaudível] Corinthians e Santos para a gente era mais fácil do que roubar bala de criança. É verdade.

B.H. – E o São Paulo?

C.L. – O São Paulo já era uma briga, porque tinha um [inaudível], o São Paulo foi bicampeão em 1970, na década de 70, com: Gerson, Pedro Rocha, Edson, Toninho Guerreiro, Dias, Paraná, Terto, era um espetáculo de time, só vou citar o meio-campo não é, que é a espinha dorsal de uma equipe. E o Palmeiras tinha: Dudu, Ademir da Guia, Leiva, Hector Silva, eram grandes profissionais, todos eles eram vencedores. Quando você é vencedor e está com um grupo vencedor, você não pode estar em um grupo de 11 jogadores só você sendo vencedor, você vai olhar para trás e vai falar: “Oh pessoal, vamos ganhar!”. E aí, eles não sabem, só sabe perder, está acostumado com derrota, quando você tem um grupo vencedor: “Pessoal, não é por aí, não estou acostumado com isso não. Vamos lá!”. E todo mundo vai já sabendo que vai ser vencedor naquele ano, era o caso nosso do Palmeiras, entendeu?

B.H. – César, você então contou que você nasceu em uma família de jogadores de futebol, quatro irmãos jogaram futebol, coisa rara. E seus pais? Conta um pouquinho sobre eles, sua família, suas origens familiares, evidentemente gostavam muito de futebol, porque para ter cinco filhos...

Transcrição

C.L. – Sim. Meu velho, tanto é que eu dei uma alegria a ele no fim da vida dele e no fim da minha carreira, eu parei no Fluminense. Eu falei: vou premiar meu coroa vestindo aquele manto tricolor. E joguei, tive a alegria de levar o Rivelino para ele conhecer, mas foi a coisa mais linda que tive na vida.

B.H. – Conta um pouquinho sobre os seus pais, o que eles faziam?

C.L. – Então, meu pai era um comerciante, pobre, como minha mãe também, batalhador. Eu coloquei muitos anos essa barriguinha aqui, esse umbigo, no balcão, com meus 11, 10 anos, que na época, da década de 60 já fui bookmaker. Fiz jogo de bicho, que o meu pai fazia jogo de bicho também sábado e domingo, quando não trabalhava, que meu tio era banqueiro, o meu tio era banqueiro de bicho. Eu era o cara que fazia corrida de cavalo, quando estava muita gente e tal, fazia corrida de cavalo e jogo de bicho, mas era aquele moleque que como andava muito na praia, lá em Niterói, ali na Coronel Miranda, o meu pai falava: “Olha, fica você lá na esquina pra ver se vem a polícia.”. E eu ficava na segunda quadra, ali na outra esquina. Vinha um cara de paletó e chapéu, era polícia. Aí saía correndo e falava: “Polícia, polícia!”. Todo mundo escondia tudo e tal. [Risos] Eles vinham até com aqueles carros grandes e tal. Muitas vezes vi carro cheio de policiais, levando tudo lá do meu tio e tal, ficava até meio triste porque eles levavam o que podiam levar, e eu fui aquele moleque, no tempo que o bicho, o resultado, colocava no poste, aquele poste preto, colocava lá o resultado. Todo mundo esperava eu vir para colocar, mas era uma coisa. O meu velho foi a coisa mais linda do mundo, o meu velho foi o maior incentivador meu. Eu dei o meu primeiro pontapé na minha gloriosa vida, porém, nunca nos faltou comida; sapatinho sempre faltava, andava descalço, sapato furado, tinha que pular sempre uma poça, quando chovia não podia sair de casa com os meus irmãos. Então, eu sendo o primeiro a apanhar dos irmãos, só da minha mãe, que o meu pai nunca encostou a mão na gente, minha mãe além de dar na época, década de 60, nossos pais davam tapa na gente para corrigir, era uma educação, não é como hoje. Então a gente respeitava muito, *muito*, mas foi a coisa mais linda do mundo, foi a coisa que eu perdi. Até hoje eu sinto, porque minha mãe morreu com 66 e meu pai com 74, e eu com 66 ainda sinto e já faz 20 anos que eles faleceram. 18 anos e tal. Então eu fui o paizão mais velho.

Transcrição

B.R. – Seu pai era tricolor?

C.L. – Tricolor doente.

B.R. – E te viu jogar...

C.L. – Por isso que dei de presente para ele. E o Caio, chamavam o Caio de Sargento, e tal. [Risos] Ele fez a cabeça do Caio ser fluminense, o Luizinho também, quando era menino também era fluminense depois virou flamenguista.

B.H. – E a sua mãe, torcia por algum?

C.L. – Mamãe era flamenguista, mamãe não gostava muito, não entendia nada de futebol. O meu velho dormia na hora do almoço, ia almoçar, deitava um pouco para ver se ele sonhava com algum bicho para ele jogar. Meu pai... Vejo o Caio hoje como meu pai, porém, praticamente quase cinco anos mais novo do que eu, porque é igualzinho ao papai. O Caio seguiu o ritmo do velho. Papai dormia para ver se sonhava com alguma coisa, ele acordava rápido, tomava banho e ia lá para o bicheiro para jogar, ou então telefonava e tal. O meu pai era assim, era um cara que ele brigava quando o Fluminense jogava, entendeu?

B.H. – Que região de Niterói?

C.L. – Eu sou do centro, nasci na Rua Coronel Miranda 33, nós morávamos ali, meu pai nasceu ali. A Coronel Miranda fica na Avenida Rio Branco, a Rio Branco é ali perto das Barcas.

B.H. – Perto da Amaral Peixoto?

C.L. – Isso. A bem que você descendo das barcas à esquerda, para a direita é Icaraí, Saco de São Francisco, Icaraí.

B.H. – E uma época que não tinha Ponte Rio - Niterói.

C.L. – Eu não sou nada contra, não sou papa goiaba. [Risos] O Gerson também não é papa goiaba. O Roberto é papa goiaba e outros, é brincadeira.

B.H. – E o Zizinho?

C.L. – Zizinho, seu Tomás. Tomás era muito amigo do Caio e eu tive pouco relacionamento, mas dito por papai: “O Zizinho foi o maior jogador do mundo”, seu Tomás. O Caio era muito amigo do Zizinho, sentimos uma falta tremenda de um companheiro, papai sempre comentava: “Zizinho era o maior jogador que ele viu jogar na face da terra.”. Eu acredito. Então existia esse papa goiaba, porque passou do Fonseca aí vem Caramujo, dali para frente tinha muitas goiabas, muitas laranjas e tal. Você vê que Maricá, Saquarema, dali dos lagos, era tudo mato, era tudo roça. Estive agora lá para um showbol e eu vi outra... É uma cidade.

B.H. – Na sua época não tinha Ponte Rio – Niterói, então era Cantareira?

C.L. – Não, não, era pela lancha mesmo, que quando ia treinar, eu e outros colegas íamos treinar, na volta ou na ida para a gente não pagar, a gente ia pela barcaça. Barcaça, para vocês paulistas que não entendem, é uma barca grande e aberta que levava os carros, nós aproveitávamos e entrávamos dentro, ali, para dizer que estava dentro de um carro. Podia entrar então a gente entrava junto para não pagar e na volta, às vezes, a mesma coisa, ou a gente vinha pela barca, que a outra é a barcaça e tem a barca, tanto que pela barca...

B.H. – Cantareira, também chamava?

C.L. – É Cantareira. Até o Gerson vinha, Fefeu, Zizinho, saía todo mundo junto, era um futebol romântico, era um futebol alegre, um futebol moleque, e nós tivemos a felicidade, eu pessoalmente, de estar dentro do futebol, daquele palco, daquele espaço,

Transcrição

junto com o rei Pelé. Eu joguei na era rei Pelé, joguei com Pelé, muitas crianças, muitos jogadores de hoje que não viram o Pelé jogar não acreditam no que ele fez. Entendeu? O Pelé foi o maior jogador do mundo, eu tive o prazer, tenho muitas fotos com ele, de jogar contra o negão e ser vitorioso a maioria das vezes. E ele sempre falava: “Oh Maluco, como é que está?”, eu: “Tudo bem e tal.” E onde ele me vê o tratamento é o mesmo, é um cara humilde, um cara bacana. Acho que é o seguinte, existe uma participação muito grande dos demais colegas, os demais colegas que jogaram com ele, mas cada um seguiu a sua vida, acho que o Pelé não tem o direito de ajudar ninguém. Ele pode ajudar conversando com o governo, conversando com determinadas pessoas para ajudar aqueles que estão precisando, mas eu acho que o Pelé é... Muita gente julga o Pelé, que ele fez o dele e não está nem aí, absolutamente, todo mundo ganhou igual ao Pelé, quando a gente jogava ganhava todo mundo igual, ninguém ganhava mais do que o Pelé, só que ele se destacou, tem a vida dele, não pode ajudar mais ninguém. Porque há muito comentário.

B.H. – Maledicente, vamos dizer assim.

C.L. – Tem aquele negócio que ninguém tem que ajudar ninguém, como falei para você, o jogador só depende dele, porque para ele ser titular só depende dele, se ele estiver bem ele está no meio, está entre os 11, se estiver mal cara, nem no banco está.

B.R. – Já que você ganhou do Pelé e tudo mais...

C.L. – Não, ganhei em vitórias.

B.R. – Isso, isso, em vitórias.

[Risos]

C.L. – Ganhar do rei é duro cara!

Transcrição

B.R. – Ganhou nos jogos. A gente conversou com o Gerson e ele falou bastante no Canto do Rio.

C.L. – Canto do Rio, onde comecei.

B.R. – Como era a sua convivência com o Gerson com tanta gente, com tanto bamba assim?

C.L. – Não, o Gerson... Eu vim jogar contra o Gerson no começo da minha carreira no Flamengo em 1965, 1966, não é, quando entrava, porque é o seguinte, fui muito tempo [inaudível] no Flamengo em alguns jogos porque não tinha substituição, só jogava 11, machucava não podia entrar outro, ficava com 10. Isso aí na década de 60. Então a partir do momento que entrei no primeiro tempo, entrei para jogar e estou entre os 11, vou até o fim. Por isso que joguei contra o Santos, mas vir mesmo para o futebol, eu sendo titular... Jogar eu joguei aqui pelo Palmeiras e ele pelo São Paulo, os dois anos que estive aqui. Agora, comecei no Canto do Rio, Gerson começou no Canto do Rio, o próprio Zizinho começou no Canto do Rio.

B.R. – Roberto Miranda também.

C.L. – Acredito que sim, o Roberto Miranda se ele não começou no Canto do Rio ele começou na Manufatura, que era um dos times que tinha lá também, não disputou o campeonato carioca, mas fazia parte dos melhores clubes lá de Niterói.

B.H. – Agora, antes do Canto do Rio você começou jogando bola...

C.L. – Na praia, comecei na praia, porque ali distante tinha um timezinho, mas comecei... A primeira vez que coloquei a chuteira fui convidado para jogar, não sei se foi em Maricá ou no Caramujo, coloquei uma chuteira, não sabia nem correr com a chuteira, mas corri, a partir do momento... Foi até pelo Canto do Rio se eu não me engano, joguei pela seleção do Estado do Rio e depois foi o seu Zeca... Quem me lançou foi o Bandolim, que era um ala que tinha, Bandolim e Violino, no Estado do Rio

Transcrição

de Janeiro, foi um dos maiores meio-campo que teve, jogavam no Manufatura e jogavam no Canto do Rio também. Jogava no Canto do Rio, comecei numa escolinha no Canto do Rio. O Canto do Rio estava na divisão especial do futebol carioca e o Flamengo foi jogar no Caio Martins e teve uma garotada, aquele amistosinho que faz terminar, aquela garotada infantil lá jogando e o seu Modesto Bria me viu e falou para o Bandolim: “Bandolim, quem é aquele garoto lá?”. Eu conhecia o Bandolim de nome porque ele jogou também... E ele: “É o César, meia-esquerda do Canto do Rio e tal.”; “Eu quero ele, leva ele lá para mim.”. E terminou o jogo meu, o Bandolim estava assistindo o jogo porque foi ver o jogo do Flamengo, me chamou e falou: “Olha, o Flamengo está querendo que você vá para lá.”.

B.H. – Justo o Flamengo!

C.L. – Justo o Flamengo, eu falei: “É comigo mesmo!”. [Risos] Aí cheguei para o meu pai e falei: “Oh pai, vou jogar no Flamengo.”; “Que vai jogar no Flamengo o quê rapaz!”; “Eu vou lá.”. Não acreditou, até... Aí fui, porque seu Bandolim mandou ir, seu Modesto Bria aceitou. Fui lá, fui um mês, aí levei três meses para aparecer, que queria jogar no Canto do Rio, no futebol lá do Estado do Rio, demorei, aí cheguei lá tinha dois pagamentos já meus lá guardados, me deram. Mas foi um negócio gostoso, para mim. Voltando ao assunto, desculpa, voltando ao sair do Flamengo, quando fui, que o Flamengo me mandou, me chutou, me deu um pontapé para ir para o Palmeiras, eu não aceitei, eu não queria ir, eu falei não. Foi com o Cristovão Mesquita e com seu Veiga Brito, seu Gudolle² era presidente e o Veiga era diretor.

B.H. – Era sueco, não é?

C.L. – Isso. Que é o dono da Facilit.

B.H. – Da Facilit. Máquinas de calculadora.

² Acredita-se tratar de: Oswaldo Gudolle Aranha.

Transcrição

C.L. – Isso. Pode falar hoje porque não existe mais, não é? [Risos] Eu pedi e falei: “Não, não vou não, não vou, quero jogar no Flamengo.” E o seu [Riganech³], falecido, ele: “Não César, não, eu não quero o César não, não quero esse moleque não.”, que eu perturbava muito, não é? Concentrava e ele não me colocava para jogar, só podia jogar 11, então a gente ia para o setor quatro lá do Maracanã, não sei se tem setor quatro ainda, não sei.

B.H. – É. Agora está em reforma vai mudar tudo.

C.L. – Era onde ficavam as mulheradas, aquelas meninhas, sempre que ia terminar saía do vestiário e ia para lá, aí ficava junto com as meninas lá.

B.H. – Setor quatro nas arquibancadas?

C.L. – Nas cadeiras, setor quatro. Eu era o motorista do Almir, porque eu tinha um carro preto 63, um Aero Willis, que também não existe. [Risos] Era preto, chamava caixão até o meu carro, e o Almir falava assim: “Oh César, pega a Carla, que era um pessoal dele, e pega a amiga dela e me espera no Garden, em Ipanema.”; “Está bom, pode deixar e tal. Você não vai junto também?”; “Não, não, encontro com vocês lá, não quero você aqui não, depois tem briga, confusão.”. Até no jogo contra o Bangu, aquele que teve aquela briga, depois ele ficou comigo, eu peguei ele: “Vamos embora, *vamos embora*.”. E peguei e levei ele lá fora. Aí eu peguei... Mas o Almir tinha uma rivalidade com o Silva, porque o Almir era um guerreiro, nossa, é meu irmãozão, o primeiro contrato com o Flamengo ele que fez para mim, que papai, eu falei: “Oh pai, o Almir vai fazer bem.”. O Almir fez para mim o meu contrato.

B.H. – Ele redigiu o contrato?

C.L. – Ele assinou como... Praticamente papai autorizando ele a acertar tudo para mim o contrato. Aí levei para o meu pai, o meu pai assinou, que era contrato de gaveta

³ O mais próximo do que foi possível ouvir.

Transcrição

na época. [Risos] Que ficou lá, depois saí de lá, nem sei rapaz o que aconteceu com o meu contrato. Acho que está lá até hoje.

B.H. – E o Almir era mais velho que você?

C.L. – Era muito mais velho, e eu peguei e fiz meu contrato. O Almir tinha uma rivalidade com o Silva, que ele dava a bola para o Silva, corria na frente e o Silva voltava e chutava para gol e não dava para ele. Ele dava a bola para o Silva, ele entrava nas costas do zagueiro e o Silva metia para lá e metia para cá, era uma briga de ídolos. Entendeu? Que o Almir veio com uma fama de pá, e o Silva estava lá, não podia perder a dele, a batuta de O Rei do Flamengo e tal, mas os dois eram belos jogadores e tanto ele brigava para eu jogar com ele. O Almir brigava com o Silva por gostar de jogar comigo.

B.H. – Vocês se entrosavam.

C.L. – Porque comigo ele brigava, ele quase me batia. [Risos] “Vai lá na frente moleque, vai lá, faz isso, *faz isso, faz isso*.”. Era assim e o cara era bom.

B.H. – Vocês tinham entrosamento?

C.L. – Tinha muito, *muito*, tanto fora como dentro, aliás, fora de campo era mais entrosado do que dentro de campo. E eu um moleque. Ele falava assim: “Você não bebe e fuma hein, não bebe e fuma, não deixo, não tem nada que beber nem fumar.”. [Risos] Falava sempre para mim: “Não quero que você beba menino.” Ia a várias festas em Copacabana no apartamento dele que de repente aparecia lá com a minha namorada. Lá estava Carlinhos, Almir, Ditão e as meninas, depois do jogo.

B.H. – Carlinhos que depois virou técnico?

Transcrição

C.L. – Carlinhos Violino⁴. Aí peguei, chegava lá, batia na porta, a minha menina era lá de Ipanema, ela conhecia todo mundo, que era mais velha do que eu, batia lá, entrava e daí ele me chamava: “Vem cá, o que você está fazendo aqui? Aqui não é lugar para você e sua menina não, vai embora.”, eu falava: “Tá legal.”, “Não, pode ir, pode ir, vamos embora, *vamos embora*.” Aí eu e um colega meu, César Máquina, era de Copacabana, saíamos de fininho e lá fora a gente comentava: “Pô, perdemos a maior boa.”. [Risos] E nós íamos embora, mas era assim. Mas eu brigava para não sair do Flamengo, não sair do Flamengo. Aí meu pai chegou e falou assim para mim: “Filho, vai para o Palmeiras.”, eu falei: “Mas como é que eu vou jogar naquele time, olha a linha do Palmeiras.”. Era: Gildo, Servílio, Tupãzinho, Rinaldo, Ademir da Guia e Reinaldo. “Onde que eu vou jogar papai?”. Ele falou: “Vai, larga o Flamengo.”.

B.H. – Mas então foi uma proposta do Palmeiras, eles que te convidaram, queriam que você viesse?

C.L. – Não, foi uma proposta... O seguinte, o Pantera, Ademar Pantera⁵, foi para o Flamengo e o Flamengo tinha que dar mais uma importância para o Palmeiras, era empréstimo, mas o Flamengo não tinha aquele pouquinho para dar e esse pouquinho... O Aymoré falou: “Olha, o Flamengo está levando...”. O Aymoré era treinador do Palmeiras, falou para o Zezé: “Oh Zezé, o Flamengo está levando o Pantera, Ademar Pantera, e quem que eu posso pegar lá?”, porque o Flamengo não tem dinheiro. Desde aquela época o Flamengo não tinha dinheiro hein. [Risos] Você vê como [inaudível] tomava desde aquela época. [Risos] Aí o seu Zezé falou: “Olha tem um garoto lá, um meia-esquerda chamado César.”. O seu Zezé falou para o Aymoré: “Pega, pode deixar que você não vai se arrepender.”, aí o Aymoré pediu o César. Aí eu falei: “Papai, lá eu não vou.”, e papai: “Vai que lá você vai se dar bem.”. Olha, conselho de pai é uma coisa que você tem que ir, porque o velho... Foi a maior felicidade do mundo, vestir esse manto sagrado, tinha dia que eu ficava louco para chegar numa quarta-feira, em um domingo, concentrar e jogar, porque sabe o que é sentir aquela camisa gostosa e jogar? E sabedor que você vai lá e vai fazer o gol. Isso é uma coisa linda.

⁴ Refere-se à Luis Carlos Nunes da Silva, ex-meio-campista do Flamengo.

⁵ Refere-se à Ademar Miranda Júnior, ex-jogador do Palmeiras.

B.H. – Toda verde, não é? Aquele uniforme verde.

C.L. – Aquele manto lindo, não é rapaz!

B.R. – E seu pai chegou a te ver aqui muitas vezes...

C.L. – Ah, o meu pai veio, o meu pai veio sempre, mamãe , é... Mas eles eram brigados, papai e mamãe, moravam os dois em casa, mas eram brigados de quarto, assim. Ficava um em um quarto, outro no outro, casinha pequena, mas tinha dois quartos. [Risos] Dava para ele dormir com a galera, com a gente. Era cinco, seis, que tem uma menina também e papai vinha de vez em quando, quando papai vinha mamãe não vinha, quando mamãe vinha papai não vinha. Então, papai vinha para cá, pô aí ele curtiava, porque ele ia ao Jockey Club, que eu namorava uma determinada pessoa com muito dinheiro aqui em São Paulo e ela dava tudo para o meu pai. Ela tinha uma Mercedes, levava o meu pai de Mercedes para o Jockey e ele ficava todo bacana. Tanto é que eu casei rapaz, e... Minha mulher veio a falecer agora há cinco meses. Eu casei e em vez do meu pai ir com a minha mãe no carro lá, ele foi de Mercedes com essa tal namorada que eu tinha, rapaz. [Risos] Ele é folgado. [Risos] Até quando eu briguei com ela, depois que casei, eu falei: “Ah pai, to brigado, tal.”, ele falou: “Você vai perder uma teta dessa!” [Risos], eu falei: “Papai...”. Ele: “Como é que eu vou chegar aqui, como é que eu vou fazer?”, que o meu pai é gozador também, eu falei: “Calma que eu dou um jeito e tal.”. Eu obriguei ele a falar: “Vai perder essa teta realmente, rapaz.”. Pensando bem, perdi uma grande oportunidade de ficar milionário cara.

B.R. – Conselho de pai.

C.L. – Conselho de pai.

B.R. – Não só na vida profissional, na vida pessoal...

Transcrição

C.L. – Não, tanto é que ela me mandou para o Fluminense, ela que me levou para o doutor Horta. O doutor Horta frequentava a sua casa, essa casa que vocês não são sabedores, vocês que são jovens, que é o La Licorne, era dona do La Licorne, uma das maiores boates que tinha aqui. E o seu Francisco Horta era político, juiz, frequentava lá e era muito amigo, doutor Horta, e quando o Fluminense foi campeão em Campinas, em 1978, campeão brasileiro, não é? Em 1978 o Fluminense foi campeão brasileiro? Que jogou contra o Guarani em Campinas, que foi campeão, o Fluminense? Acho que ele festejou lá na casa dela. Entendeu? Era 1973, 1974, não é?

B.H. – Não, porque o Palmeiras foi campeão em 1973.

C.L. – 1974 então foi o Palmeiras.

B.H. – 1974 é o Vasco.

C.L. – É Vasco, porque arrumaram um rolo para ele ser campeão, que nós levamos seis para a Copa do Mundo e foi tudo armado lá na Alemanha, eu estou sabendo, eu vi. Aí o coronel Éric pegou e colocou o Vasco na boa, mas é merecedor também. Só que tem que depois o Fluminense...

B.H. – O Fluminense foi campeão brasileiro em 1984, em 1978 o Guarani foi campeão. O Guarani ganhou o título brasileiro, não foi?

C.L. – Foi o Guarani contra o Fluminense, não foi? É, foi festejado. Eu sei que 1978 foi acertado, lá na La Licorne, a minha ida para o Fluminense. Aí é que eu fui, mas conselho de velho é uma coisa maravilhosa, *maravilhosa*, o pai...

B.H. – Você vai para o Palmeiras, mas depois volta para o Flamengo? Volta?

C.L. – Eu vim para o Palmeiras emprestado em 1966, eu vim para cá em 19 de novembro de 1966, vim assinar o contrato e viajar com o Palmeiras, que o Palmeiras estava fora, estava na Argentina fazendo uma excursão e tal, pela América. Aí quando

Transcrição

ele foi ver o meu passaporte, não podia viajar. Eu tive que voltar ao Flamengo para atualizar o meu passaporte e imposto de renda, que o Flamengo estava atrasado. [risos] Olha bem. Aí eu voltei, o Flamengo acertou. Do Rio é que eu fui para Argentina encontrar com o Palmeiras. Aí ficamos lá uns 15 dias, era a pré-temporada, na volta já começou o Robertão. Aí eu vim, terminou o Robertão, na época comprei meu apartamento aqui, não é? Nesse ano comprei meu apartamento aqui e quando eu comprei, eu morava em um hotel aqui, Hotel Normandie, junto com a turma da Jovem Guarda, Roberto Carlos, aquela turma toda, eu andava sempre com eles.

B.R. – Ah é?

C.L. – Tinha o Chacrinha, o pessoal todo, vida boa, *vida boa*.

B.H. – Você tinha contato com eles todos?

C.L. – Tinha com todo mundo, até o Roberto. Até hoje.

B.H. – A Jovem Guarda.

C.L. – Oh, Antônio Marcos, Raul Seixas, pô, Jerry Adriane, o pessoal... Wanderley Cardoso, meu parceiro, eu só andava com ele. O Roberto é Palmeirense, não é? O Erasmo.

B.H. – Dos Festivais da Canção?

C.L. – Isso, *isso*. Oh, da saudade daquela turma, uma turma boa.

B.R. – Você trocava camisa por disco?

C.L. – Mário Sérgio, que...

B.R. – Trocava camisa por disco até, ou não?

Transcrição

C.L. – Não, a gente frequentava a Augusta, que era o nosso ponto, não é, da Augusta. Parava aqueles carros importadão, na época eu tinha um Mustang 73, um *mach one*, que a maioria dos artistas tinha, eu também tinha. Quero ver um jogador de hoje comprar um Mustang zero, 350 mil dólares.

B.H. – Semana passada a gente entrevistou o Marinho Chagas.

C.L. – Teve de tudo.

B.H. – Teve de tudo.

C.L. – Era uma pessoa impar, um cara maravilhoso, um coração maior do que um boi, um irmãozão. O Marinho, quando ele estava no Fluminense, tinha aqueles torcedores, aqueles amigos que estão numa situação ruim e vão procurar alguém para ajudá-los, e sempre é uma porta de um clube. Geralmente alguém fala: “Vai lá no Fluminense, no Flamengo, no Palmeiras, não é. Fica na porta e procura um dos jogadores para ajudar, para ele dar uma graninha, e sempre tem um, dois, três, na porta.”. E o Marinho chegava, quando o Marinho saía, todo mundo: “Oh Marinho, pô, como é que é, estou numa situação dessa aí.”. E o Marinho metia a mão no bolso: “Toma. Vamos almoçar, vamos jantar e tal.”. Levava até para a sua casa. Esse cara é merecedor de ter um... Infelizmente, não sei por que motivo, não está em uma situação até merecedora, entendeu? É um irmãozão, é um cara que...

B.R. – Vocês chegaram a jogar juntos na seleção brasileira.

C.L. – É juntos, na seleção e no Fluminense.

B.H. – Uh, no Fluminense também.

C.L. – Marinho, ele foi.

Transcrição

B.H. – César, para a gente completar aqui o quadro sobre a sua formação.

C.L. – Desculpa, às vezes, trocar um monte de coisa.

B.H. – Não, está ótimo!

C.L. – Quando eu falo de alguma coisa, porque vem cara, porque eu não estou com a sua idade para ficar bonito, [Risos], porém o Caio está bem mais do que eu, não é? O Caio está parecendo que está pior do que eu. [Risos] Eu estou como o Altair, deu para entender? [Risos]

B.H. – Só para fechar um pouquinho a sua formação, a sua formação como estudante, jovem você frequentou escola, como é que foi isso?

C.L. – É, fiz até o segundo grau, não deu porque eu sou da época do seguinte, que a gente...

B.H. – Tinha que escolher?

C.L. – É. O seu Walter Miralha, como grande militar, você era tenente coronel da aeronáutica, um promotor público, um major do exército. Era tudo o nosso time, diretoria. O seu Walter Miralha: “Ou você estuda ou você joga.”, “Mas eu tenho que ir para a aula.”, “Você escolhe: ou estuda, ou joga.”. 1961? E tive que parar, não é? Aí, depois que eu parei, nós fizemos aquele curso de educação física do exército. Sou monitor de educação física, não reconhecido pela MEC, mas nós temos o CREF de educação física, tanto eu como o Caio, nós temos CREF, nós fizemos o curso como treinador, mas...

B.H. – Isso foi uma escola de... Um celeiro também de treinadores, como o capitão Coutinho...

Transcrição

C.L. – Isso! Mas não é rapaz, sabe, o capitão Coutinho foi meu amigo, meu irmão, meu diretor, meu treinador. O Parreira foi o meu preparador físico.

B.H. – O Chirol.

C.L. – O Chirol. Chirol já estava no meio há tempo, nunca quis se meter como treinador, mas a maioria deles, esses que vieram depois de 1970, eles se achavam no direito, por ser formado e ganhar 25%, ou 50% do bicho, não o total que o jogador ganha e nem o dobro que o treinador ganha, eles fizeram um grupo para assumir o futebol, para eles viverem bem. Se não fosse... Se o Parreira estivesse como preparador físico, o próprio Coutinho, o próprio Lazaroni e os demais que também treinam clube, estava todo mundo pedindo emprego, cara. Porque o espaço é nosso, é nosso, é do ex-jogador.

B.H. – Sim.

C.L. – O futebol está por baixo, bem lá por baixo por quê? Está por baixo porque existe um grupo de pessoas que fazem o futebol. Futebol hoje é o maior emprego do mundo. Faz o futebol ser emprego, homens que não são do ramo estão no ramo pelo voto, pela amizade, pela negociação. Essa lei Pelé, Pelé de tanto ser prejudicado ele colocou a lei Pelé que favorece, desfavorece o clube, o clube não tem a vida que tinha ontem, porque o Pelé falou: “Pô, eu fui tão roubado rapaz, aprontaram tanto comigo que eu vou dar uma deixa deles.”. E acabaram favorecendo homens que não são do meio, pegando... Mas o culpado também é o jogador, são os pais, que dão liberdade a determinado elemento, porque é amigo, é dono de um bar e passa a ser empresário do garoto para ganhar uma fortuna e o garoto ganha 30%. Podia estar ganhando muito mais. Então o clube e o dirigente estão pagando o que eles fizeram ontem, só tem que alguns... O interior era o celeiro do futebol, *o celeiro do futebol*, então hoje o dirigente faz o quê? Então faz o seguinte, eu sou o negociante, tenho uma firma, sou empresário do Caio Cambalhota, você é o presidente: “Oh Caio, precisamos acertar com o Flamengo, e aí?”, aí eu falo: “Presidente do Botafogo, como é que faz?”. Para encurtar,

Transcrição

você ganha, você como presidente, diretor, ganha, eu ganho como empresário e o Caio ganha o resto. E o clube? E a instituição?

B.R. – Nada.

C.L. – E a torcida?

B.R. – Menos ainda.

C.L. – Por isso que o futebol está com um nível muito baixo. “Pô, fulano é craque!” É craque, mas só tem ele de craque. Vamos puxar mais, não é viver do passado, desculpa, eu sou era Pelé, não é? Tem que ser respeitado. Tem que ser respeitado e muito. Agora, é um negócio que era cinco para cada posição. Conta... Vê se dá para contar com o tempo que você vai para casa, toma... Acaba a entrevista, você vai começar a analisar outros que você vai entrevistar, muitos outros, você vai poder analisar quantos craques nós tínhamos em uma posição só.

B.R. – Parece que dava para fazer quatro ou cinco seleções brasileiras, não é?

C.L. – Nossa, seleção brasileira, a seleção brasileira até 1974, 1978, 1982, não me lembro, 1974, 1978, eram convocados 44 jogadores, três meses antes. Não tinha amistoso nem toda hora não. E eram convocados 44 e só sobreviviam 23. Quantos craques foram cortados porque tinha outro: “Pô, se eu levar fulano com quem que eu vou jogar? Então quem eu vou colocar para jogar, pô.” O Pelé era reserva do Dida, se não é o Dida machucar ou ter algum problema lá... Pô! O Pepe e o Zagallo, modéstia a parte...

B.R. – Garrincha, Joel.

C.L. – Tinha que jogar o Pepe, jogou Zagallo. O Garrincha... O Joel jogou comigo no Flamengo, no aspirantes, já na sua velhice. Joguei com Índio, é vivo até hoje o Índio. Entendeu? Então você vê, Mané Garrincha, o Didi, eu. Pô, o Vavá, Almir, quantos

Transcrição

craques, cara! Vamos falar de 1974, o Rivelino foi ponta-esquerda, é brincadeira! Rivelino foi para a ponta-esquerda. Ademir da Guia não foi convocado.

B.H. – Em 1974 foi reserva.

C.L. – Deu para entender? 1974 foi, mas 1970 não foi. Em 1970 eu também estava no esquema, infelizmente o Zagallo levou o lado pessoal para dentro de campo e muitos treinadores fazem isso, não pode levar um problema pessoal, um problema que você teve fora para dentro do campo. Amanhã eu sou o treinador, se eu tenho um problema com o Caio, fora, ou no treino, não é por isso que ele vai jogar, não, vai justificar nossa briga, nossa confusão, lá dentro do campo eu não vou misturar as coisas não. Infelizmente a bola é assim.

B.R. – Você se sentiu injustiçado?

C.L. – Eu?

B.R. – Em 1970.

C.L. – Claro, porque o titular era o César, o Jairzinho era ponta-direita. O Jairzinho não é culpado. O Zagallo colocou o Jairzinho de centroavante, porque ele queria que a 13 fizesse parte do jogo e a 13 foi para o Valdomiro. Ele me tirou, colocou o Jairzinho com a sete no meio e colocou o Valdomiro na ponta-direita com a 13. Foi a Copa mais fácil do mundo, foi a nossa, porque nós vínhamos do tricampeonato, não é? O mundo fracassou, o campeão é o Brasil, para conseguir o tetra era fácil, todo mundo estava com medo da gente. Agora, eles, a comissão, nos transmitia insegurança. Vou falar um negócio para você, nas oitavas teve um jogo: Argentina e Itália. Todo mundo lá no hotel sentado, nós estávamos na Alemanha assistindo o jogo, o que veio para a gente tudo bem, qualquer um que vem é graça, não mudou que é time. Estava admirável o esquema tático da Holanda, admirávamos.

B.R. – Vocês já sabiam que esse...

Transcrição

C.L. – Não, *não*, admirávamos: “O time está jogando assim, pô. O time...”. Bom, bom é a gente, acabou. E a comissão técnica aqui, como vocês estão aqui à frente sentados, nós estamos lá atrás ali assistindo e eles brigando entre eles: “Não, tem que vir Itália. Argentina não, quem tem que vir é Itália, que da Itália ganhamos em 1970, ganhamos de quatro a um. É bom para a gente vir Itália.”. Argentina ganhou de dois a um. [Risos] “Ai! Fiquei apavorado.”. Fomos lá, metemos dois a um também na Argentina, ou dois a zero, não sei, ganhamos da Argentina fácil. Então olha a insegurança que eles estavam transmitindo para a gente, o Zagallo, a comissão técnica, mas o Zagallo é aquele principal, é o cara que não fala nada, o time é esse, não conversava com o time reserva, só treinava o time principal, uma bagunça danada. O falecido Dirceuzinho, ponta-esquerda, um dia nós estávamos na Floresta Negra...

B.H. – Dirceu Lopes?

C.L. – Não, o Dirceu não foi convocado, o Dirceu do Botafogo, Dirceuzinho ponta-esquerda.

B.H. – Ah, tá.

C.L. – Nós estávamos na Floresta Negra, lá em Württemberg e tal, os caras cheios de cachorro, cheio de policiamento e tal, era uma casa grandona e tal. Estava eu, estava o César, o Riva, não sei quem foi, o Luis Pereira, não sei quem foi, teve uns quatro ou cinco aqui e o Dirceuzinho, aí passou Zagallo e Chirol, era um quintal grande, passou, saiu da sala e passou assim no quintal. Aí o Dirceuzinho olhou para trás, viu os dois e falou: “Espera aí, dá um tempo aí que eu vou falar com o Zé.”. E falou alto. Porque ele jogava no Botafogo com o Zagallo. Eu não sabia que ele chamava o Zagallo de Zé. Ele falou: “Oh Zé, por favor, eu quero falar com você. Eu não vim aqui...”, e alto: “Eu não vim aqui para passear Zé. O jogo seguinte é contra Holanda, eu não vim aqui para passear.”. Já eram as quartas. “Eu não vim aqui para passear não, eu vim para jogar.”. **Dois dias depois o Dirceuzinho saiu jogando, não jogou nem o Paulo César, nem Edu.** O Dirceuzinho passou a ser titular.

Transcrição

B.H. – Graças a esse...

C.L. – Claro. Graças à atitude dele. Nós estávamos à mesa: eu, Leiva, Alfredo, Luis Pereira e Ademir da Guia, mesa redonda, assim. Quatro horas antes do jogo contra a Polônia, último jogo, quatro horas antes, o Chirol chegou à mesa, todo mundo almoçando, e falou: “Ademir você vai jogar. Ademir, o Zagallo falou que você vai jogar.”. É assim que se fala? Ademir pegou um cigarro, comeu lá um negócio, banana, e tal e ficou assim, não sei, pediu o cigarro, foi lá, fumou. Olha bem, quando ele falou isso para o Ademir, o Alfredo virou e tal, falou assim: “Isso aqui é uma bagunça mesmo!”, levantou e falou: “Eu tenho que abrir a boca mesmo.”. Olha, foi um tal da comissão rodar e chamar o Alfredo, colocou o Alfredo para jogar. E eu falei: “O quê César, como tu é burro.”, se eu sei desde o início, eu grito, eu jogo. Serginho teve o mesmo comportamento meu em 1978, em 1982, que teve aquela...

B.H. – 1982.

C.L. – Ele esteve conversando comigo, o Serginho Chulapa, outro cara maravilhoso. Quem conhece adora, passa a ser o maior amigo desse grande profissional.

B.H. – César fala um pouquinho...

C.L. – Ele virou só para mim e falou: “César, a maior tristeza minha foi eu não gritar. Todo mundo gritava, uma bagunça danada chapa...”.

B.H. – Isso em 1982? Ou em 1978? Em 1982?

C.L. – Quando foi a maior seleção que teve, dito pela imprensa toda...

B.H. – Em 1982.

Transcrição

C.L. – Que para mim a melhor seleção foi a de 1958, opinião minha particular, 1958 e 1962, não é? Foram eles que abriram espaço para a gente, eu acho que seleção como... Que praticamente deu continuidade 1962 à mesma seleção, não é, só trocou dois ou três. Foi Mauro, Bellini e mais uns dois.

B.H. – César, conta um pouquinho da sua posição, como é que você se descobriu na sua posição? Você começou jogando pela meia-esquerda?

C.L. – Não.

B.H. – Só foi descobrir isso no Flamengo?

C.L. – Isso.

B.H. – Como é que foi encontrar uma posição?

C.L. – Isso, eu comecei no Canto do Rio, na escolinha do Canto do Rio, como meia-ponta de lança, que eu fui sempre jogador de tocar, pá, bater bem na bola e chegar na área. Tinha cheiro de gol, sempre na meia. Eu nunca gostei, sempre gostei de jogar com a 10, na 10, que imitava o Dida, eu imitava o Dida e tudo, era uma coisa linda! Depois passou a ser meu amigo, conversar com o Dida, contei para ele essa história e ele ria para chuchu.

B.H. – Alagoano, o Dida.

C.L. – É, alagoano, baixinho, jogava muito, cabeceava muito, dava cada bicicleta linda!

B.H. – O Zico contou que foi o grande ídolo dele.

C.L. – Nossa senhora! E eu comecei ali na esquerda, me adaptei a jogar pela esquerda, meia-esquerda. Tanto é que era: Clair; Juarez; João Daniel, falecido; César; e

Transcrição

Rodrigues. Nós viemos desde o infantil até o profissional assim, entendeu? Essa linha. E eu passei no Canto do Rio, aí vim para o Flamengo em que posição? Ponta-esquerda, aliás, meia-esquerda, e comecei a jogar como meia-esquerda. Meia-ponta de lança, lá eles falam meia-ponta de lança. Meia-armador lá no Rio é pela esquerda, aqui em São Paulo é meia pela direita. Tem esse lance, lá é pela meia-esquerda aqui é pela meia-direita. Tudo bem, e eu comecei no Flamengo, mas só tem que quando eu assinei contrato com o Flamengo, eu fiz três gols no primeiro treino, entrei lá na frente, na hora da Ave Maria, seis horas, o primeiro treino, aquela turma que... Aquela turma para acabar o treino. Entrei lá, já me deram papel para eu assinar e tal, e como meia-ponta de lança comecei a jogar como meia-esquerda, *meia-esquerda*. Aí fui para essa viagem, não é, o mistão, que lá fala o mistão, que foi Bolero, foi todo mundo, que eu vim como artilheiro do campeonato, fui como ponta-esquerda, joguei como ponta-esquerda. Porque seu Modesto Bria me colocou na ponta-esquerda, entendeu? Tirou o Osmar e tirou o Rodrigues, não, o Rodrigues não foi, me colocou. Era Foguete, era Almir e Carlos Alberto.

B.H. – Fio.

C.L. – O Fio, também o Fio, perdão, esqueci até o Fio. O Fio também era meia-esquerda, o Fio. O Fio era meia-esquerda, mas quando eu jogava, o Fio é mais velho do que eu. Eu vim sempre atrás do Fio, cheguei até em cima com o Fio, quando cheguei em cima passei a jogar, e o Fio, às vezes, jogava no aspirante e quando entrava, entrava de centroavante. Então, jogava na ponta-direita também o Fio, jogava na ponta-direita. Porque o Flamengo, para você jogar no Flamengo você tem que jogar em todas as posições. O Flamengo lhe obriga a jogar em qualquer uma, porque lá tem uma escola, como o Rio tem uma escola. Você vê que o futebol carioca... É estiloso o futebol, se você aprende a bater na bola. Eles dão fundamentos, a maioria dos ex-profissionais, são, às vezes, a maioria são ex-jogadores. Então eu aprendi isso, quando o futebol, o departamento de amador é fundamentos, que o Palmeiras não tem e muitos clubes aqui não têm de São Paulo, são fundamentos, é você bateu errado volta e o treinador fala: “É assim que bate na bola. É assim.”, cabeceia de olho fechado: “É olho aberto. Está cabeceando de olho fechado, é olho aberto. Basta, vamos lá!”. Quando a bola vem olha

Transcrição

onde você vai colocar, é tudo isso. Eu aprendi lá no Flamengo, e a maioria, o Vasco, o Fluminense, Botafogo, Olaria, Campo Grande, Bangu, todos são escolas de ex-profissionais, negócio de tocar a bola, de saber travar uma bola no peito, **no chão.**

[FINAL DO ARQUIVO 1]

B.H. – **Estávamos falando da formação dos jogadores...**

C.L. – **Isso, da formação do jogador. Como eu comecei na meia-esquerda?** Então, foi no Flamengo, seu Walter Miralha ficava até 18:30, 19:00 horas comigo na Gávea. Ele, sem goleiro. Ele ficava de beque, eu pegava a bola no meio de campo, tentava driblar e chutava. Sem o goleiro. E ele tinha esse trabalho comigo. Eu ia dormir na casa dele. Lá em Santa Teresinha. Ele morava lá.

B.H. – Santa Teresinha?

C.L. – Santa Teresinha, no Rio de Janeiro.

B.H. – Santa Teresa?

C.L. – Sim. No meu tempo era Santa Teresinha, hoje é Santa Teresa! Você vê, mudou tudo. [Risos] seu Walter Miralha. Eu ia para casa dele para gente treinar de manhã. A Dona Lina, sua esposa, seus filhos, um é da aeronáutica, voador, um dos filhos deles se chama César. Coisa linda. E é formado hoje, oficial também. E seu Walter tinha esse trabalho comigo, é isso. Por isso que admiro e sinto saudade do Telê, porque Telê teve essa escola, ele passou depois a ser profissional, a ser vencedor e fazer o time que o São Paulo teve, aqueles menudos, não é? Com o Careca, o Muller... Jogava errado, tocava errado e ele mandava voltar: “Eu quero assim e tal”. Acabou, cara. O líder é ele, o treinador. Se você treinar a sua equipe, departamento de base, um cara que jogou, o próprio garoto vai olhar e falar: “Pô, o cara sabe. Eu não posso fazer o que quero porque o homem está aí. É o mestre. Ele está mandando eu fazer o certo, não está

Transcrição

mandando eu fazer besteira”. Amanhã o cara não sabe. Por exemplo, desculpa, você está no departamento amador do Flamengo, você pode estar jogando pelada, tudo bem, mas se você não conhece nada de bola, você vai para o departamento amador. Agora tu bate escanteio. “Está errado! Eu quero que bata aqui! Na marca do pênalti”. O garoto vai, pum! “Bate aqui, na marca do pênalti, eu quero!”. Aí o garoto fala: “Professor, desculpa, mas vem aqui bater para mim, vai”. E aí? Tem garoto que é assim, que a infância tua, depois de uma reclamação e algumas coisas que você teve no futebol, que você sabe que quer aprender e não tem ninguém para te ensinar. Ou você está fazendo errado e você é cobrado, a infância vem de novo, cara: “Porra, eu fui um cara, que faltou isso e agora que eu tenho tudo e o cara está me cobrando ainda!”. Por isso que há essas brigas entre diretor e jogador. Então a meia-esquerda, eu surgiu assim no Flamengo. Eu comecei no infantil, ficou meia-esquerda, *meia-esquerda*. Aí fui artilheiro de todos os campeonatos que eu participei no Flamengo. Time de cima no Flamengo também. Não me lembro de ser campeão, eu fui campeão do quarto centenário do Flamengo, que eu joguei no aspirantes, e joguei no time de cima em 65. Em 66 nós perdemos para o Bangu, que eu também estava na reserva.

B.H. – Uma partida conhecida pela confusão.

C.L. – Todos queriam estar no meu lugar depois do jogo, porque o Almir estava comigo. [Risos] E antes, o seguinte, eu estava esperando. Ele falou: “Me espera no Garden”. Você conhece o Garden?

B.H.– Ali perto do Flamengo, perto do Monte Líbano?

B.H. – Monte Líbano, sim.

C.L. – Ali no Garden, aquela praça. Ainda existe o Garden ainda ali. Ali é Leblon e Ipanema, divisa de Ipanema.

B.H. – Jardim de Alah.

Transcrição

C.L. – Isso, Jardim de Alah, é o Garden, no Jardim de Alah. “Vai para lá e me espera”. Aí eu peguei o pessoal dele com meu carro.

B.H. – Foi um Mustang?

C.L. – Não, não. Era o caixãozão... Quem dera se fosse o Mustang na época. [Risos] Se a pé já é bom imagina de carro, Mustang no Rio! No Rio todo mundo é artista. Ainda mais boleiro. Aí peguei e fui, esperei. Esperei até umas dez horas. Não tinha celular na época, não tinha nada. Aí de repente ele aparece de táxi. “Fui lá em casa, tomei banho, tomei uns negócios lá e tal”. Falou que estava indo na manha... Tava com uma menina lá... Ele morava ali perto, na Miguel Lemos. Aí paguei. “Vamos embora e tal”. “Vai tomar uma cerveja?”. “Não, já tomei uma coca-cola, as meninas já beberam cerveja”. “Vamos ficar um pouquinho e você não vai para Niterói, não. Vamos com a gente para um lugar aí”. E era amiga da namorada dele. Tomamos cerveja, deu 23 horas e ele falou: “Vamos embora”. “E vamos para onde?”. “Vamos para Barra”. “Sobe a Rocinha!”. Na Rocinha, que eu já conhecia porque a concentração do Flamengo, a profissional é ali, mas eu morei na Rocinha, na sede de base. Era ali, uma casa grande, que a gente se concentrava ali, morava ali.

B.R. – Tinha aquela sede: Morro da Viúva?

C.L. – É do Morro da Viúva. Tem a Rocinha, São Conrado, o Hotel Nacional, você entrou, antes era a sede do Botafogo, que mais à frente era um terreno vazio. Isso aí é por dentro da Rocinha, não tinha nem essa estrada na Rocinha. Por ali por trás você entrava e tinha um casarão. Aquele casarão era do Flamengo, mas do amador. Do profissional depois foi feito, mais à frente, que é a concentração do Flamengo. Agora montou a estrutura, a estrada... Aí fui. Era de terra... Hoje é asfaltada, antes eram aquelas pedras, paralelepípedos... Estava lá, cheio de paralelepípedo, pá, pá, pá, aí a gente foi no hotel. “Vamos ficar aqui e tal”. Até de manhã. Uma confusão! Ele ficou com a menina dele e eu fiquei com a menina. E nós ficamos lá, rapaz.

B.H. – Isso na final de 1966...

Transcrição

C.L. – Isso na briga de 1966.

B.H. – Contra o Bangu...

C.L. – Contra o Bangu.

B.H. – O Bangu começou, fez 3 a 0, não foi?

C.L. – Sabe qual foi a bronca? Muitos não sabem. No primeiro turno o Almir fez um gol... Não sei se foi no primeiro turno, ou um jogo antes, que era uma decisão de dois jogos, se não me engano. Ele fez um gol, estava chovendo. E cruzaram a bola... Achou o Carlos Alberto. Ele mergulhou de cabeça lá na lama, e o Bira foi... Ele cabeceou e a bola entrou. Na grama, no chão mesmo. E o Bira...

B.H. – Goleiro do Bangu.

C.L. – Goleiro do Bangu. Falou que foi com a mão. Que ele mergulhou com a mão. Ganhamos de um a zero. Fomos para decisão. E começou. Um a zero, dois a zero... Começaram a tirar sarro.

B.H. – O Bangu?

C.L. – Não, começaram a tocar e a turma “olé”. E o Almir... Não sei o que o Ladeira⁶ fez, que o ladeira até hoje é meu amigo, que ele correu atrás do Ladeira. Aí começou, todo mundo... Só para completar. Terminou o jogo nós fomos para lá. Seu Leonardo segunda-feira foi para o clube, à tarde tinha recreação. Deixamos as meninas em casa, deixei ele em casa. Fingi que fui para Niterói, mas fui para Gávea, fiquei na Gávea. Fomos fazer recreação. Na quarta-feira tinha ensaio da Portela. Era a Portela que fazia no Mourisco ali? Portela. E ele foi lá. E a turma do Bangu, estava todo mundo lá, também no samba. Ali em Botafogo. Ele foi lá, comentou, alguém queria dar um

⁶ Adailton Ladeira, ex-atacante do Bangu.

Transcrição

palpite, todo mundo segurou ele... Aí ficaram na paz, os dois. Ficaram numa boa. Você vê o que é a vida da bola. Por isso que eu falo: você tem que saber o que você está fazendo, tem que ser consciente do que você sabe fazer. Então são poucas pessoas que Deus dá esse dom. Você tem um dom, vamos aproveitar o dom que ele tem. Em todo esporte você aprende. Tênis, ser goleiro... Enche você de porrada de bola para não ver como você vira goleiro. O único que não joga bola é goleiro. “Vai para o gol, quebra o galho”. O cara vai e vira goleiro.

B.H. – Ou era o dono da bola...

C.L. – Não, o dono da bola, não. Quando eu era garoto eu morava lá em Niterói e, às vezes, o cara mora perto de um campo... Ali no campo do Ipiranga tinham uns caras maiores do que eu, eu chegava com a bola. Pegavam minha bola, papai me dava a bola, jogavam e eu ficava chorando. Terminava o jogo e eles me davam a bola. Eu chorava, batia o pé. Fazer o quê. Eu já apanhei tanta coisa, cara.

B.H. – Você falou na Portela, você gostava de Carnaval?

C.L. – Adoro. Eu sou Viradouro. Em 1974 nós desfilamos no Salgueiro e fomos campeões.

B.H. – Desfilou?

C.L. – É. Eu, Jairzinho, Simonal... A turma.

B.H. – Marinho Chagas falou que ele ia muito ao Cacique de Ramos.

C.L. – Cacique de Ramos e Bafo da Onça. Nós íamos muito.

B.H. – Você, como homem de gol, artilheiro, sofreu muito com contusão? Por ser visado pela defesa...

Transcrição

C.L. – Não, nunca tive. Eu aprendi isso com o Almir. Eu era um cara medroso. Quando eu jogava praticamente no Canto do Rio, eu era mais... Não de choque. E Almir me ensinou, quando eu comecei a jogar com ele começou a me ensinar a ser mau. Mau no bom sentido. Sempre primeiro eu, a dividida é minha e não ter medo de ninguém. Aquilo pegou, cara. Parece até uma doença. Pegou e eu ia para cima de qualquer um e depois, vindo para cá. Em 1968, na minha volta voltei a morar no hotel, no Normandie. Conheci um professor de caratê, que hoje é falecido, o professor Aldo Borges Campos, Shotokan. Eu fiz em 1968 e me formei em 1977 no caratê. Dei aula... Fui prejudicado, dizem, o Brandão, falecido, que por causa das brigas eu me prejudiquei um pouco. Dito por ele. Eu acredito que não. Mas me ajudou bastante a não ter contusões.

B.H. – Você, gostando do Flamengo, gostando do Rio, gostando do Carnaval, como é que foi a adaptação em São Paulo, morar em São Paulo, viver em São Paulo? Como é que foi para você isso?

C.L. – A vida, tudo é uma companheira. Você pode estar se sentindo mal em um lugar: “Não estou bem na cidade”, a partir do momento que você conhece uma pessoa, uma companheira, aí passa a gostar da cidade. Você começa a frequentar determinados lugares e você conhece uma pessoa, você passa a gostar daquela pessoa. Aí você já esquece tudo. Foi o caso. Eu vim para cá. Era noivo dessa menina no Rio, até 1968 era noivo. Em 1969 para 1970 eu estava com ela. Em 70 eu conheci uma menina, que veio a ser minha mulher depois, que veio a falecer e hoje eu sou viúvo. Por isso. Aí nunca mais... Depois de um ano fui lá e falei: “Infelizmente não vamos continuar, porque eu conheci uma pessoa e esse tempo que a gente esteve junto deu para nos conhecermos melhor e daí, assim, que até agora... Não deu, conheci outra pessoa e tal...”. Até a mãe dela falou: “Ah, porque aconteceu alguma coisa!”. “Acontecer, aconteceu”. [Risos] Quando eu conheci ela já tinha acontecido. Aí vim com essa menina. Essa menina tinha 16 anos para 17, a Tereza Marchi Lemos, italiana, filha. Aí fiquei.

B.H. – Palmeirense.

Transcrição

C.L. – Palmeirense. Claro. Por obrigação, eu não forço ninguém na minha casa. Mas eu obrigo a pintar minha casa de verde e branco. E se eles quiserem torcer para outro time eu dou uma camisa só do Palmeiras, mas não forço ninguém. Lá em casa todo mundo é verde. Verde aqui, no Rio é Flamengo. Não tem esse negócio de torcer para outro não... Eu tenho duas felicidades, rapaz. Quando não sou campeão aqui, sou campeão no Rio. Eu sou um homem feliz, sabe por quê? Quem não tem o mengo no coração não é ninguém, cara. E o Verdão em São Paulo. Nossa Senhora. Mengão e Verdão. Vai entender!

B.R. – César, você se considerava um jogador provocativo, em entrevistas... Você é um jogador de espírito aguerrido. Você acha que isso causava algum tipo de polêmica?

C.L. – Depende das perguntas, você, às vezes, tem que rebater bem.

B.R. – Responder de forma autêntica.

C.L. – Autêntica. E isso talvez que o pessoal achou que era meio agressivo nas minhas respostas. Mas não é por aí. Faça uma pergunta legal que vai ter uma resposta legal. Ainda mais se você fizer uma pergunta grossa para um cara milionário, ele vai rir e vai embora. Mas eu que nasci na terra, não nasci no asfalto, você já vem revoltado, não é? Você encontra um cara que já foi na mesma situação sua e te fazer uma pergunta... Entendeu? [Risos] Porque a maioria das pessoas, nem sempre são todas, às vezes também numa situação pior do que a minha, ou de outros colegas que passaram pelo futebol, a primeira pergunta deles: “Você ganhou dinheiro?”. Às vezes, o cara está pior do que eu, mas eu penso, não falo nada. “Deu para ganhar um pouquinho, deu”. Na década de 70. Cara, eu parei faz quase 40 anos! Futebol há 40 anos atrás era duro, cara. Deu para entender? Agora, o cara quando tem dinheiro, que ganhou dinheiro: “Você ganhou dinheiro?”. Esquece dinheiro, cara. Às vezes o cara tem dívida para pagar para chuchu, o maior estelionato aí e está vivendo... Porque o mundo é esse, o mundo é do estelionato. Você vai Alphaville afora, Copacabana, Ipanema, aquelas casas bacanas, as

Transcrição

mansões. É tudo estelionato. Tudo! Eles estão sempre numa boa, espaço bom. E você que está o dia a dia ali, tem que pagar, tem que segurar bronca e tal. Você vive a sua... Eu não quero saber quem ganhou, quem não ganhou, eu quero é levar a minha vida. Eu tenho a minha vida, não procuro saber se fulano está bem, ou está mal. Para mim todos os colegas estão legal. Nós tivemos nossa passagem pelo futebol. Eu acho que tivemos uma passagem pelo futebol que não tinha patrocinador, não tinha direito de arena, não tinha nada. Eu no Palmeiras... Você sabe que eu e muitos jogadores nunca recebemos, o próprio Djalma Santos e outros jogadores, nunca recebemos fundo de garantia. Joguei no Palmeiras dez anos. No Flamengo nunca recebi fundo de garantia. É duro, rapaz. Vivemos no mundo cão. E era marginalizado, o jogador de futebol. Eu, quando vim para São Paulo, estava com essa que foi minha mulher, a Tereza, logo nos anos 70, fui numa festa na casa de um amigo palmeirense, no Morumbi. Ele me convidou e eu fui, e estava com ela. A empregada começou a me cumprimentar, falando que era palmeirense. Eu já estava com nome, 1970. Já tinha sido citado para a Copa do Mundo. Eu tinha um nome já, era praticamente ídolo do Palmeiras. E eu fui lá conversar com a empregada dessa casa. Uma casa grande, com espaço bom. Na época devia valer uns 4 milhões, casa de valor, com mordomo e tal. Não era muito gostosa também, a dona da casa. A empregada era melhor do que ela. Aí eu fui cumprimentá-la, dei autógrafo... Sei que ela chamou o marido dela e falou: “Esse cara é jogador de futebol, não é?”. E ela estava rindo para mim toda hora, falando para amigas dela... Mandou me tirar da casa. Nunca falei isso para ninguém. Eu e a Tereza saímos, um colega meu depois falou: “A mulher e tal, porque você é jogador de futebol.”. Entendeu? Imagina o que PC passou, cara. O Paulo César é meu irmãozão. E outros colegas passaram, que eu não gosto de contar para vocês. Vocês não são sabedores do que é os bastidores do futebol, rapaz. Um monte de mentira. Eu estou fazendo o meu livro aí, a minha história. Mas eu quero 90 por cento do livro, eu quero participação dos colegas também que jogaram comigo, que deram depoimento. O Santos deu um depoimento, o Durval, que é o meu irmãozão, o Coutinho, e outros colegas meus que jogaram. Tem muita coisa que eu também não lembro. E eles falam que eu fiz tanta coisa que eu quero que faça parte do livro. De 90 por cento, porque eles vão ganhar dinheiro também. Não é só o cara que vai e pá, não é por aí.

Transcrição

B.H. – Essa sua fala confirma a de muitos dos entrevistados que se referem no passado, à ideia de o jogador era muito mal visto.

C.L. – Com certeza.

B.H. – Jogador era mal visto, mau caráter, cafajeste e muitas famílias eram contra...

C.L. – É. E você vê, a própria sociedade, a sociedade faz o cidadão. Faz o homem. Não é verdade? Agora, o homem não vai fazer uma sociedade. O próprio policiamento, hoje está aberto, todo mundo conhece todo mundo. Quantas vezes vários colegas foram parados numa São João, numa Ipiranga, numa Copacabana, mão na cabeça, porque é negro. Porque é jogador de futebol. Bota a mão na cabeça em cima do carro, os homens todos em cima, que na época a polícia era outra. Hoje é mais devagar. Hoje o cara: “Pô, desculpa, é artista e tal”. Vamos citar na década de 68: “César Maluco, o cara é louco.”. Porra, você me conheceu? “Não, a minha filha não vai casar com esse cara! O cara é louco.”. Pô, se chamasse de veado você tomava um soco na cara. “Ô veado”. Nego ‘pum’ na sua cara, na sua boca. O Armando gostava. O Armando Marques gostava. Um monte deles aí. Porque virava atração e ele queria ser atração. Hoje, chamou de veado é glória. O cara dá risada. Não tenho nada contra, mas eu acho que tem que ser respeitado. Eu estou falando em épocas, de 60 para hoje. Hoje o cara é veado, é artista, hoje o cara aparece na televisão e fala que é bi. Para ficar na história. Ontem, se você tem uma família, pô, vai deixar até de andar com o cara. É por isso que eu falo, é uma época ruim a nossa. Entendeu? Era duro. A liberdade de você ter tua casa era muito mais fácil. Você andar com seus filhos no meio da rua era mais fácil. A segurança era mais. Na década de 60 você podia dormir de janela aberta. Hoje não pode. Ontem, se você fizesse mal a uma menina de 16, até 20 anos, a menina virgem, você tinha que casar.

B.H. – Você tocou nesse assunto, existia racismo no futebol?

C.L. – Na minha época, na década de 60? Não, porque eu vivi muito no Rio, e algum de vocês que não nasceu no Rio de Janeiro, o Rio é pobre, cara. O Rio é pobre. O

Transcrição

café é barato, tudo é barato. Quem faz o Rio rico são os turistas, os nordestinos que têm fazenda. Os paulistas que têm dinheiro vão lá e comparam apartamento em Ipanema. Qual é o carioca que mora em Ipanema, em Copacabana? É difícil, se não for jogador de futebol. Não existia isso, entendeu. Não existia a cor. Eu sou mais para noite do que para o dia. Sou mais para negro do que para branco. Mas eu, colega de jogador, casaria com uma menina também escura, o branco com branco... Teve essa abertura de uns anos para cá.

B.R. – Causava furor um negro com uma loira, por exemplo?

C.L. – É isso. Aí era um escândalo. “Por que ele estava com aquela loira?”. E a loira, talvez, na época, era chamada até de mulher da noite. Se o César estivesse com uma loira: “Essa é menina da noite.”. Hoje, não. Mas ontem era assim. Era um respeito, não é, cara. O próprio pai, a mãe não queria que a filha casasse... “Não, você vai casar com uma menina de cor, como você”.

B.H. – Um outro ponto polêmico, já que você tocou no assunto: existia homossexualismo no futebol?

C.L. – Olha, na minha época do Flamengo eu era sabedor que tinha um ex-goleiro do Flamengo muito antigo, que trabalhava com joias e tal, que teve esse pequeno problema. Só. Depois tinha um pelo nordeste, na época do Campeonato Brasileiro, outro lá no norte, no nordeste... E depois veio para capital. Uns quatro, cinco...

B.H. – Fatos isolados?

C.L. – Fatos isolados.

B.R. – Você acha que o futebol toleraria um caso de homossexualismo?

C.L. – Tem que tolerar. É escolha, cara. Eu tive até uma discussão com uma amiga minha... Isso é educação. Isso não é doença, não. Se tua mãe, se você tem duas

Transcrição

irmãs, e você é o mais novo e suas irmãs ficam brincando de boneca, você dorme no quarto com elas, você vê elas tomar banho, você vê elas brincar de boneca, você garoto, vai ficar... Vai vestir uma calcinha, colocar um vestido... É verdade, cara. É a criação. Eu sei porque na minha família, na família do meu tio, tenho dois primos que são... E vivem bem. São dois artistas, entendeu. Mas eu acho que cada um tem a sua escolha. Eu acho que é válido, hoje.

B.R. – Eu pergunto no meio do futebol por causa da exigência da concentração, ficam os jogadores um tempo... Se por algum acaso isso poderia ser um fator dentro do futebol...

C.L. – Olha, tenho uma opinião que na década de 70 e 60... Seria gostoso se a gente tivesse uma bicha na concentração. Vou ser franco com você. É verdade cara, seria ótimo, mas ninguém se assumia, não... [Risos]

B.H. – Tinha que ser muito macho para assumir.

C.L. – Pô! A gente veio de origem humilde e é marginalizado, ainda tem uma bichinha no meio? [Risos] É verdade, cara. Agora é o caso do... Eu não aceito o Palmeiras, teve a contratação desse menino. O pai dele jogou comigo, o Leiva, coitado do garoto... Eu tenho, sim, um respeito tremendo pelo São Paulo, que o São Paulo pegou ele, foi ídolo do São Paulo. E é um belo jogador. E quando ele esteve no São Paulo foi um dos maiores destaques e eu acho que seria uma bela contratação do Palmeiras, o Richarlyson. Mas infelizmente, dizem que a torcida...

B.H. – Não aceita.

C.L. – Não sei por que a torcida hoje comanda, cara. O diretor pode estar em contato. E amanhã, um desses torcedores da torcida poderá ser um dos presidentes do Palmeiras. Um dos presidentes do Corinthians. Por que o diretor não reúne a torcida... Vamos fazer um levantamento da torcida: “De mil, quantos tem aí? Porra cara! Fala!”. Como diz a minha filha: “Pai, o mundo é gay! Tem gente enrustida, pai!”. Está cheio aí,

Transcrição

cara. E nego não assume. Que é homem, é. Já vem de natureza, acabou. A infância já deu uma menininha, já para você brincar com a empregada... No nosso tempo era a empregada, né. A virgindade nossa era com a empregada. E hoje, não. Mas é um negócio que eu acho que tem que ser respeitado. Cada um tem sua vida, cada um tem faz o que quer. Eu tenho vários amigos, irmão, que são gays. E respeito, me respeita. E poderia também, César com essa idade, velho também, com uma bicha? É brincadeira pô, pára com isso! [Risos] Pô, fama de leão... “Está namorando uma bicha!”. Que porra é essa, pô! Eu acho que é o Brasil que tem esse problema, entendeu. Eu acho que os demais países são mais liberados. E você vê o problema: “É seu filho!”. Amanhã, você tem um filho e tem que aceitar como filho, você querendo ou não. Você não aceita no começo. O Toninho Cerezo, o filho dele é o maior artista na França. É um travesti. E ele tem que assumir. Ele fala: “O meu pai foi o maior jogador.” E vim saber agora, ficamos sabendo há três anos atrás. Ninguém sabia que... E quantos têm enrustedos? Eu falo para boleirada: “Eu tenho três filhas, para ter homem que goste de homem é melhor ter três filhas!”. [Risos] Eu brinco muito com a turma assim, com jogador de futebol que tem filho homem. “Não, meu filho é homem!”. Eu falo: “Está bom. A minha está saindo e está fazendo o que é dela.”...

B.H. – E ainda nesse sentido, mas mudando a pergunta: o fato de vocês estarem em concentração estimulava vocês a fugirem da concentração? Você está em outro país, em excursão, está sem as esposas... Existia isso, de fugir? Bom, tem várias histórias. O Garrincha fugindo... Isso acontecia?

C.L. – Não. Não é fugir. Quando a gente está fora do país... Primeiro dia... [som de sirene de viatura] É mole? O Caio veio com a viatura para cá. [Risos] Chegou em um país, na Itália. Vamos lá, no hotel... “Vamos no teatro! 11 horas aqui, todo mundo”. Aí o cara sai, vai tomar uma cerveja, conhecer. De manhã é treino. À tarde: folga, fazer compras. No dia seguinte, jogo à tarde, concentra, à noite, jogo à tarde, jogo a noite. Depois da noite é folga. Acabou o jogo e tal. Treinador que é treinador de nome, que sabe, não quer nem saber, amanhã aqui para o café. Aí nego vai para boate, vai beber... É assim a vida lá fora. O que a gente não faz aqui no país nosso por causa da esposa a gente faz quando viaja. Porque é uma liberdade que a gente tem. E vários colegas

Transcrição

nossos nessas viagens já trouxeram alguém, e vive junto como esposa hoje. Vários jogadores têm mulher estrangeira, você pode ver, de outro país, que em uma das viagens conheceu e trouxe para cá. É válido e respeitado. Agora, negócio de jogador sair... Eu estou concentrado em um hotel, aqui em São Paulo, e não tem isso de sair. Muita gente já comentou: “César, tu saía lá da concentração. Ia para a Camisa Verde, ia para boate”. Ia nada! É tudo história. Se eu concentrasse na sexta-feira e saísse sexta-feira à noite como é que eu ia jogar no domingo, rapaz? Seleção é a mesma coisa. Em Seleção você tem uma folga. Você viaja com a seleção, se você for jogar daqui a uma semana você joga, mas vão ter umas quatro horas de folga. Quatro horas a comissão, o ônibus vai para cidade desse país, na Itália, em Roma, estando em Roma vamos para o centro. O ônibus deixou todo mundo, passeio, [Inaudível] brasileiro não. Sai numa boa, os diretores também vão para tal lugar, não andam com a gente. O ônibus vai embora ou fica parado lá por quatro horas. Você vai para zona, para onde você quiser. São as quatro horas para você fazer o que quer. Com a Copa do Mundo na Alemanha foi assim com a gente.

B.R. – Mas você acha que foi sufocante de alguma forma a concentração na Copa do Mundo, por exemplo?

C.L. – Não, não. Mas nós ficamos, é duro, nós ficamos numa floresta. Na Floresta Negra. Ficamos afastados. Não há necessidade disso.

B.H. – O isolamento foi muito grande.

C.L. – Fora pelo futebol, pelo Brasil, dito que o maior futebol do mundo é o do Brasil. Porque todo mundo respeita o brasileiro, em matéria de futebol, de esporte. Então o jogador de futebol, o povo brasileiro é muito, muito... Às vezes pode atrapalhar, pode atrapalhar um treino, no hotel, ficar chamando toda hora para assinar. Isso é chato. Por isso que... Mas é mais negócio de frescura. Ir para serra, ir para tal lugar... Não precisa disso. Hoje eu vejo, o Pelé nunca teve segurança, cara. Eu nunca tive segurança, Pelé, Rivelino... Ninguém nunca teve segurança e estamos aí. Jogador hoje, jogadorzinho que começou ontem já vem com quatro, cinco seguranças. Quem vai

Transcrição

roubar o cara, rapaz? O jogador é um que sabe se defender. Vem de origem pobre, nunca teve nada, começou a ganhar dinheiro, graças a Deus.”Tô com dinheiro”. Qual é o pobre que vai querer roubar o pobre? Vai falar: “Só porque eu agora estou com um dinheirinho você vai querer me roubar? Toma um pouquinho”. Deu para entender? E a malandragem que ainda o cara sabe, jogador de futebol, que andou sempre... Jogador de futebol que veio... Hoje não é mais assim, mas na década de 60... Se Deus não nos desse esse dom, muitos seriam vagabundos, pela turma, pela pobreza, podia ser... Sei lá. Na época ia ser o quê? Não ia ser ninguém, entendeu? Porque a origem é bem pobre cara. Tudo o que o jogador passou na época nossa, esses garotos de hoje nem sonham. É brincadeira.

B.H– Em 74 já tinha...

C.L.– Desculpa. Só porque, você vê, muita gente que está de fora: “Não, não vou na casa de fulano”. Oh gente! Você que está nos assistindo, que vai nos assistir: nós somos iguais. Talvez vocês devam ter uma casa até mais bonita do que a nossa. Tinha ontem, tivemos hoje uma casa legal. Ninguém vai reparar em nada. Aquele jogador que for na tua casa e reparar em alguma coisa, manda ele olhar para trás. Só isso. Vê primeiro onde você morou para depois fazer julgamento. Porque tem alguns jogadores que crescem [Inaudível], fica rico e tal, aí cada um. Depois o velhinho lá em cima dá o retorno para você.

B.H. – E assédio, chegou a existir assédio? Já tinha uma... Você como jogador, como estrela, como ídolo, você se sentiu... Você disse que não precisava de segurança, esse tipo, mas existia? Quer seja de público feminino, quer seja de imprensa, da torcida?

C.L. – Bastante. Eu tive uma fase boa. Ídolo do Palmeiras, quase todo o dia eu saía. Não todo dia, mas sete dias, umas quatro trepadas na semana.

B.H. – Dia sim, dia não.

Transcrição

C.L. – E boa, *e boa*. Não fazendo mal... Porque no meu tempo era fazer mal, hoje é estupro, no nosso tempo era... Fazer mal à menina, jamais. Se eu tenho outras meninas para sair, porque vou sair com aquela menina, e amiga do amigo, irmã do amigo, jamais. Nós respeitávamos mais ontem do que o jogador de hoje. O jogador de hoje não respeita. Não respeita o próprio torcedor. Mas era... Eu peguei uma época do Palmeiras, peguei quase um ano de suspensão, quando teve aquela cabeçada em um árbitro. Eu voltando, depois, deu 280 mil torcedores no Parque Antártica.

B.H. – Quantos?

C.L. – 280 mil, sexta-feira à noite. Perdão, 28 mil.

B.H. – Nem no Maracanã cabia.

C.L. – 28 mil, deu 280 mil reais, na época, sexta-feira a noite. Foi televisionado ainda. Eu fiz um grupo ali, quando era na entrada do túnel, atrás, só do lado feminino com crianças. Estava todo mundo ali. Eu falei: “Eu quero assim, assim...”. Mas o próprio torcedor, aqueles senhores mais antigos... Até hoje eu viajo com veterano, eu vejo senhores chorarem quando me veem. Que eu falo para ele: “O senhor está fazendo hoje comigo, eu fiz há 50 anos atrás com o Dida”. O Negócio é você ser torcedor para você saber o que é na pele.

B.R. – César, o Ado, goleiro do Corinthians, esteve aqui com a gente...

C.L. – É meu irmão, meu amigo.

B.R. – Ele falou que teve muito problema com esse tipo de coisa: imprensa, ele começou a sair em muitas revistas. Talvez tenha sido um dos ídolos dos maiores clubes de São Paulo na época, ele do Corinthians, você... E atraindo o público feminino, não é?

C.L. – O time que o Corinthians tinha na época, se está hoje, é 10 anos seguidos campeão. Com time daquela época jogando hoje. Porque era um timaço. Estava há 23

Transcrição

anos sem ganhar um título. Todos eram iguais, era um time melhor do que o outro. Era Santos e Palmeiras. Na época era só Santos, que foi bi mundial. Depois veio o Palmeiras, depois o São Paulo e aí veio o Corinthians. [Inaudível] aí começou a andar. Mas o Ado era um cara boa pinta, não é? Era um cara boa pinta, era um cara que usava umas camisas diferentes, era meu parceiro, andava comigo na noite. Eu andava com ele porque ele chamava mulher. Tem cara que chama mulher! Se você é feio tem que andar com cara bonito. Então o Ado era meu parceiro da noite, a gente estava sempre junto. Ele ficou jogando no Corinthians e eu, no Palmeiras. Jogando sempre contra. Mas um excelente goleiro, tanto é que ele foi titular da Copa do Mundo. Foi o segundo reserva. O Leão foi o quarto. O Ado está sempre no Paraná. Ele é um espetáculo. Companheirão, um cara que viveu a vida. É gostoso você passar pelo mundo e deixar sua marca. Você viver numa boa, sem prejudicar ninguém, sem ofender ninguém, sem dar cano em ninguém. Isso é importante. E o Ado é um deles que... A maioria do pessoal da nossa turma lá, de 30 anos atrás, foi honestidade acima de tudo. Claro que não são todos. Tem alguns que saíram da linha, mas tem sempre um puxão de orelha, se estiver perto da gente e a gente for sabedor que aconteceu isso... Tanto jogador do Palmeiras quanto do Corinthians: “Meu irmãozinho, você está errado por isso, isso...”. O próprio colega que jogou contra ele chama a atenção. Nós tínhamos muito isso. Sabe por quê? Porque quando a gente jogava a gente era muito unido, todos nós. Jogava Palmeiras e Corinthians, à noite nós estávamos juntos. Não todos, mas uns três, quatro estavam sempre em algum lugar, juntos, conversando, dando risada. Na cara mesmo, na boate mesmo que todo mundo frequenta, na cara mesmo de todo mundo, porque os jornalistas estavam junto com a gente também. Os caras eram profissionais como a gente. Só que viviam com a gente, então existia o respeito, que não existe hoje entre os jogadores e vocês. Jogadores fogem para não dar entrevista.

B.H. – Vê como inimigo.

C.L. – Vê como inimigo. Porque o próprio diretor orienta os jogadores a não falar com vocês. “Aquele cara está fazendo o nome da gente e tal.”. Aí o diretor começa a

Transcrição

segurar. O Santos, o São Paulo... O São Paulo, o Pedro Rocha só andava comigo, o Héctor Silva, o Furlan, o Dias, o Terto, meu irmãozão...

B.H. – O Paraná já esteve aqui com a gente.

C.L. – Paraná! Ele é uma moça, não é? Não é uma moça o Paraná?

B.H. – Muito gente boa.

C.L. – Mas dentro de campo é um cachorrão! Como ele era ruim quando ia para dentro de campo, como mudava. Ele dava cada pancada! O Paraná, o Marinho Peres, o Furlan...

B.H. – Da imprensa, quem você lembra? Da Gazeta Esportiva, Jornal dos Esportes...

C.L. – Do Jornal dos Esportes tinha o Marcos [Mourier⁷], o Michel [Lohan⁸], que veio para cá... Quem é mais do nosso tempo, Caio? Jornal dos Esportes? O Dias... Não lembro o nome dele agora, mas vamos colocar de São Paulo. Rio e São Paulo. Em São Paulo, era o Julinho Mesquita, andava comigo, estava começando e tomava até bronca do pai dele, às vezes, porque estava no estádio...

B.H. – Do Estadão, né?

⁷ O mais próximo do que foi possível ouvir.

⁸ O mais próximo do que foi possível ouvir.

Transcrição

C.L. – Do Estadão. O Tucá, Queiroz, Augusto Queiroz, que é o Tuca. O Reginaldo Leme, o Galvão Bueno lá no Rio. A turma toda. Essa turma toda era minha turma. O Fausto Silva, o Jota Ávila. Era tudo com aquele gravadorzinho na mão, um dia tirei até um sarro dele, o [Geraldinho⁹], que era do Rio. Na Seleção até joguei água, que ele me enchia o saco, e joguei água naquele gravadorzinho dele, deste tamanho. Ele ficou invocado. Eu peguei e comprei outro para ele lá. “Não precisava não, César”. O Fausto Silva andava com aquele gravadorzinho assim, tipo celular. Fazia perguntinha, calcinha curta, junto com o Jota Ávila, de calcinha apertadinha, e hoje estão jogando dinheiro fora. Que beleza! Isso que é bacana, ver um amigo hoje bem. Espero que quando eu passar ele me cumprimente. Outro dia eu estive com o Jota. O Jota está bem, graças a Deus. Está na firma grande, comandando o futebol mundial, o futebol da América, não sei, com sua firma lá a Traffic. Depois manda uma graninha aqui para a rapazeada! Não esquece de mim. O próprio Fausto Silva, da Globo. O Tuca faleceu. O Mesquita, no outro dia, não sei onde eu estava passando no Rio: “Não lembra de mim não, rapaz?”. Falei: “Não estou lembrando”. Está gordo... “Mesquita, cara. Julinho”, “Pô, irmão! Desculpa.”. Porque a gente sumiu, né. O pessoal some e tal. Vai para cá, vai para lá, e envelhece, a gente pensa que não. Sabe como o fulano está velho, mas não sabe que o pensamento daquela pessoa... Mesma coisa daquela menina que a gente encontra e não vê há uns 20 anos, ou 30, e a gente fala: “Será que está a mesma coisa?”. A gente é curioso, quando chega lá, está gorda e tal. “Tudo bem?”. “Tudo bem, e você?”. “Tudo bem e tal.”. Você doido para ir embora. Se ela estivesse a mesma coisa você... Mas você analisando bem, chegando em casa: “Como ela está gorda! Está feia.”. Qual é o pensamento dela também? “O César também está gordo, feio. Está careca”. É o pensamento, é a vida. Cada dia que a gente olha para o espelho, é uma ruga a mais.

B.R. – César, você falou da relação entre os jogadores. Como era, por exemplo, você jogando no Palmeiras, convivendo com o pessoal do Corinthians naquela época do jejum, por exemplo, em 1974, graças à derrota do Corinthians frente ao Palmeiras, houve todo um problema com o Rivelino, com o Ado, que até tiveram que sair do clube.

⁹ O mais próximo do que foi possível ouvir.

Transcrição

C.L. – Sim, nós ficamos tristes pelo colega nosso, pelo Corinthians fazer essa sacanagem com eles.

B.H. – Como era essa convivência entre jejum, time rival...

C.L. – Não, não tinha. A gente brincava muito. Quando estava mano a mano, assim, brincando, tomando cerveja: “Você está há tempos sem ganhar um campeonato!”. “E daí, e você também!”. “Pô, está perdendo para o outro time”. Aquelas brincadeiras. Mas tudo com respeito e tal. Mas a gente ficava triste porque na nossa época a gente ficava triste quando o clube fazia alguma coisa com determinado ídolo, entendeu. Como fez com Rivelino, mandar ele para o Rio. A gente ficou triste, porque Rivelino é um nome. Até hoje, o maior ídolo que o Corinthians teve foi Rivelino. O Ado. Entendeu? Então a gente ficou triste. É a mesma coisa ele, quando Ademir parou, ele também acredito que ficou triste, quando o Pelé parou ele ficou triste. Quando o Coutinho parou, aos seus 27 anos teve contusões. Quando o Dorval veio para o Palmeiras a gente ficou contente. E a vida é assim. Eu sempre comento com o pessoal, porque a gente era mais unido naquela época, porque a gente ganhava pouco, era feliz, o que a gente ganhava dava para viver. E no grupo de 30, só cinco tinham carro. E quando a gente saía para ir embora: “Você vai para onde?”. “Vou para tal lugar.”, “Ah, me deixa em tal lugar, assim.”. Então cinco entravam em um carro, cinco entravam em outro, esgotou os cinco carros, quatro, cinco carros, encheu, deu 25, vamos embora, vamos embora. Quatro ou cinco, vou colocar que três ou quatro naquela época tinham carro. Aí lotavam o carro, deixava na São João, outro ficava no Ipiranga. “Eu vou para zona norte.”, “Vem comigo, vamos embora.”, “Eu vou para a zona sul, vou para zona leste, oeste...”, tudo bem. A gente era unido. Você sabe por que não é unido hoje? Porque cada um tem cinco carros, nego pega o dele e vai. Cada 30, cada um tem cinco carros, nego pega o dele e “uou”. Não se fala, não se encontra.

B.H. – Como se dinheiro separasse as pessoas.

Transcrição

C.L. – Jogador tem que ser assim: “Vamos tomar uma cerveja hoje?”. Tem que ter um diretor sabedor, um diretor que foi jogador, eu sempre luto por isso. O diretor tem que ser um ex-jogador. Sabe conversar. Ou então, um diretor de campo. E tem que ser uma coisa que existe respeito entre ele e os jogadores. Na hora que ele for chamar a atenção não vai chamar a atenção, vai conversar com o jogador, porque o jogador vai saber que vai conversar com um cara que teve uma passagem pelo futebol. Que o que ele está fazendo hoje esse jogador fez ontem. Que nós tínhamos na época um diretor chamado seu [Domingo Anacone¹⁰], que a gente às vezes estava com problema e seu Juvenal Lopes dava uma dura na gente, mas tinha um coração deste tamanho. E ele falava assim: “Vamos jantar, estou lá no Brás. Quero jantar com vocês, vamos lá, vamos marcar. Fulano e fulano.”. Levava quatro de cada vez. Aí chegava: “Por que você está triste, o que está acontecendo?”. Depois de duas cervejas você vai abrir a boca. Mais tarde: “Não está legal, me prometeram isso, não deram...”. Em uma semana estava tudo resolvido. Voltava todo mundo contente, alegre. Agora, você está no grupo e vê dois caras tristes. Por que, se ele está no grupo, ele está triste? Chama os dois para conversar. Mas não têm essa manha, eles não têm moral, os diretores hoje. Hoje quem manda no diretor é o jogador. Você pode ver, não têm moral. Porque ele dá liberdade. Não dá a cara para bater. Quando o outro time está metendo o pau naquele jogador ele não tem coragem para falar: “Eu sou o responsável”. Só vi um cara: Felipão. Felipão tem a coragem, dá a cara para bater. “Não briga com o meu jogador, briga comigo”. E tem que ser assim, porque o Felipão jogou bola. O diretor tem que ser assim, tem que dar a cara para bater. Não botar um supervisor, botar um outro que o garoto dá a cara para bater e ele ficar numa boa. Fica na sua casa, vai embora, o primeiro a sair do clube. Então não entra como diretor, fica em casa.

B.H. – Você falou nesse ponto dos dirigentes, como é que foi a sua relação com os dirigentes de futebol? Como foi o seu histórico de relações no Flamengo e no Palmeiras, e nos outros clubes também? **Você se dava bem?**

¹⁰ O mais próximo do que foi possível ouvir.

Transcrição

C.L. – No Flamengo, me dei bem. Relação com os diretores...

B.H. – Negociação para contrato, renovação de contrato...

C.L. – No Flamengo sempre tive contrato de gaveta, eu não tive renovação de contrato. Saí do juvenil do Flamengo... No Palmeiras, meu relacionamento era ótimo. O contrato de todos nós, o time todo, terminava sempre em janeiro, de janeiro a dezembro. Era um ano de contrato. Fiz dez contratos no Palmeiras. Em janeiro todo mundo na filinha lá, era um preço igual a todos. É isso, isso isso. E só entrava em contato com os dirigentes de três em três meses, quatro em quatro meses a gente via o diretor. O diretor via sempre, mas o presidente só de seis em seis meses. E todos os dias os diretores estavam no treino, mas o contato, assim, de conversar e tal era pouco, terminava o treino e ia embora. Chamava a gente numa boa e ia embora. Todo dia estava ali, mas o presidente só de seis em seis meses.

B.H. – Era mais distante.

C.L. – Opa. Quem resolvia era só a diretoria.

B.H. – E os técnicos, como você se relacionou com técnicos?

C.L. – Ah, foi foda.

B.H. – Difícil.

Transcrição

C.L. – Sabe o quê? A maioria dos treinadores foi... Eu tive mais problemas, só, foi com o seu Minelli e com o seu Brandão. E com o [Reganesh¹¹] no começo da minha carreira.

B.H. – Rubens Minelli e Osvaldo Brandão?

C.L. – Osvaldo Brandão era um bebum. Era um ótimo treinador, mas era bebum para chuchu. Chegava no treino bêbado e começava a xingar a gente. Eu mandava ele tomar no cu na hora que ele enchia o meu saco. Eu sei que vai ser editado, vai ser cortado, então eu to falando isso. Eu ficava puto com ele. Não foi correto com a gente. Eu fui correto com ele, o Palmeiras foi correto com ele, os dirigentes e jogadores foram corretos com ele. Ele foi um ganhador. Nós demos dinheiro para ele, nós crescemos o Brandão. O Brandão cresceu através do Palmeiras, através do São Paulo.

B.H. – Chegou a Seleção Brasileira.

C.L. – Chegou a Seleção Brasileira. Nós fizemos o Brandão. Ele não fez a gente, não. Tanto é que... Várias coisas você não sabe. O Minelli, por ele não ser um cara muito confiável. Se alguém te falar uma coisa e ele nos defender, porque o líder tem que nos defender. Havia algum problema: “Não, é comigo. Eu sou o treinador. Qual é o problema que tem, diretor?”. Ele que teria que chamar a atenção da gente, não o dirigente. Ele passava: “Não, não vi nada.”. Deu para entender?

B.H. – Deu.

[FINAL DO ARQUIVO 2]

¹¹ O mais próximo do que foi possível ouvir.

C.L. – “Meu pai morreu. Até liguei ontem à noite para conseguir falar com você. Ele vai ser velado, rapaz. Lá no Araçá”. “Pô, cara, eu vou concentrar hoje”. E o velho, eu conheci o pai dele. Eu falei: “Putá que pariu”. “Brandão, eu tenho que ir no velório de um amigo meu aí”. “Pode ir. Vamos concentrar às 11 horas, na sexta”. Aí ele foi embora... “Meus sentimentos e tal”. Depois do treino eu falei com ele: “Tchau, se eu puder amanhã dou um pulinho lá. Amanhã não posso ir, vou concentrar”. “Não, tudo bem César”. “Mas se eu puder vou logo mais”. E passou, foi embora. Eu fui para o hotel, deixei minhas coisas. Eram oito horas, oito e meia. Saí, peguei meu carro: Araçá. Araçá tem umas salas. Tem sala um, sala dois, sala B, A, C, A, B, C, D. E tinham uns três velórios. E olhei, passei para cá, passei para lá e não vi o cara. E cheguei assim... E o cara: “Tudo bem, César?”, na primeira. “Tudo bem”. “Foi parada?”, falei. “E ele?”. “O cara de repente morreu, rapaz”. “E o filho dele?”. “Está por aí”. Falei com ele, ele falou comigo hoje, eu estava treinando. Logo na primeira entrada da sala tinha um senhor lá. Eu cheguei perto dele, rezei. Aí falei com o pessoal, tinha uma senhora, todo mundo olhando. “Obrigado, César, por ter vindo”. “Desculpa, dá um abraço no garoto aí”. “Ele está por aí, César, daqui a pouco ele está por aí. Ele está chorando”. “Tudo bem”. E fui embora. Cheguei, comentei até no Rio: “Cheguei lá no velório e tal. Pai do fulano morreu”. Fiquei pensando, dormi, concentrei. Sábado foi o enterro e domingo jogo. Joguei e tal. Terça-feira ele apareceu no clube. Lá pelas 11 horas ele apareceu. Terça-feira era treino de manhã. “E aí, que merda hein, rapaz. E o velho, o que houve com ele?”. “Passou mal, não sei o que houve, acho que tinha caído lá. Mamãe falou que ele passou mal”. “Eu fui lá, te procurei. O cara falou que você tinha saído, mas o velho estava bem, parecia”. Ele falou: “Mas eu não te vi, César. Não saí para lugar nenhum. Você foi no Araçá?”. Falei: “Fui. Fui na primeira sala. Falei até com um senhor lá.”. “Pô, o papai estava na sala três, César”. Eu fui velar o cara errado! Rezar para o cara errado. Eu sou um cagado mesmo. Eu falei: “Eu fui na primeira.”. “Mas meu pai estava na terceira, César. Todo mundo, eu falei com a minha mãe que você ia”. Como eu passei por lá, acho que ele estava lá dentro e não me viu quando eu passei.

B.H. – O pessoal da primeira deve ter gostado.

Transcrição

C.L. – A primeira que fui aplaudido foi ali, na primeira sala, e me identifiquei. Parece piada, mas aconteceu comigo, rapaz. E o dia das clínicas? Nas íamos sempre brincar no Hospital das Clínicas com o Osvaldão, colega nosso que veio a falecer agora. “Pô, César, vamos lá nas clínicas”. Então a gente levava um monte de jogador. “Vamos brincar ali na psiquiatria.”, “Vamos lá e tal.”. E os caras não falavam coisa com coisa. “Vamos lá.”. E fizemos um time lá. Eles jogavam, davam um chute. Aí falavam... Eu abraçava, ria... Mas não ouvi um colega meu falar para o cara e o cara não me conhecia, um cara novo lá. E eu sempre estava lá porra. Numa dessas reuniões, dessas idas minhas lá, desse jogo que a gente brincava... Tinha o vestiário e o diretor chamava, brincando com os caras. E não podia deixar a porta aberta que eles saíam, que é tudo meio goiaba, né. Ali tinha o portão da psiquiatria no Hospital das Clínicas, você saía por dentro, tinha o portão. Não sabia nem que tinha o vestiário. A gente saía por aqui para pegar o carro e ir para o estacionamento. E eles iam por lá e trancavam o portão aqui. Uma vez eu tomando banho, conversando com o cara que estava no vestiário comigo. Na hora que fui sair o cara não quis deixar eu sair, rapaz. O cara falou: “Você não pode sair”. Eu estava à vontade, né. Ele falou: “Não. O senhor pode ir para sua sala, se recolher, por favor.” Eu falei: “Você vai tomar no seu cu, rapaz”. Ele chamou outro cara lá. Falei: “Que porra é essa!”. O cara estava rindo, o que o Osvaldão mandou me sacanear, aí falou: “Não, é o César! Brincadeira. Esse aí é o César”. E para eu sair dali teve que chamar o diretor para confirmar, que o cara não queria deixar eu sair. Só acontece comigo esta merda, rapaz! Eu tenho cara de louco? [Risos]

B.H. – Apelido tem.

C.L. – Apelido tem! Mas não é. “Ô maluco, ô maluco”, nego me chamava de maluco, aí então o cara é maluco.

B.H. – César, você teve más experiências com treinadores, mas boas experiências com técnicos você teve?

C.L. – Opa! Ótima.

B.H. – Lembrança de bons técnicos?

C.L. – Tem.

B.H. – Bom relacionamento?

C.L. – Relacionamento bom! Olha, no Palmeiras eu praticamente... O Sérgio eu trouxe. No Palmeiras, o Sérgio, que... O Marcos foi reserva dele, muito tempo. Trabalhou no Palmeiras. Aí foi meu jogador em Brasília, foi meu jogador em Iguazu também. Trabalhei na Bahia, trabalhei em Goiás. Trabalhei com o Zetti lá no Palmeiras, com o Ivan, o Toninho, o Mancini foi meu jogador. Em São José, quando trabalhei com seu Cilinho. Tive um bom relacionamento. Agora, para trabalhar, eu trabalhei só no interior da capital. Se eu tivesse trabalhado só na capital eu estaria... É fácil trabalhar na capital. Agora, no interior é duro. Você pegar aqueles caras do interior, aqueles caras que tomam pinga, de time pequeno que não paga. Eu tive uma passagem pelo Guaxupé, que o presidente é o Rondinelli, que faleceu agora, o pai, o tio do Rondinelli, que jogou com o Caio. E ele era meu fã. Treinador de Guaxupé... Mas meu fã. Eu ia para casa dele e jantava, ia no hotel, ele: “Vamos almoçar lá”. Baixinho, que usava as duas pernas assim em cima da cadeira. Mas truta, rapaz. Ele vendia carro. Em dia que eu estava lá ele saía de Guaxupé, ia para Belo Horizonte vender carro e aproveitava e ia no América, ia no Atlético, Cruzeiro... Ia para os outros times me vender. Ele ia vender o treinador dele! Ele falava que eu era o maior treinador do mundo e que tinha que me transferir para cá porque ele queria vender o jogo. Olha como ele foi. Uma vez nós estávamos... Ganhamos oito partidas, estávamos invictos e nós fomos à semifinal e dali para final. Jogamos contra... Ituiutaba? Não... Aqui no sul de Minas, como é o nome? Que está no campeonato mineiro...

B.H. – Itajubá?

Transcrição

C.L. – Itajubá! É Itajubá? É Itajubá. Estava na segunda. E eu falei: “Presidente, tem que pagar a garotada”. Aí ele falava sempre assim: “Capaz”. “Que capaz, presidente. Tem que pagar a garotada”. Ele falou assim: “Presidente, eu tenho que ir para São Paulo”. Eu senti que ele queria vender o time. O cara tinha me falado que já foi à Itajubá vender o nosso resultado, vender o time. Eu falei: “Presidente, eu sei que você está precisando de dinheiro. Eu vou embora.”. “Não! Eu vou te pagar”. Aí ele fez o cheque: “Volte segunda-feira!”. Isso foi no sábado. Não ia ter jogo naquela semana, ia ter na quarta-feira. Aí ele falou: “Você vem, né.”. “Venho e tal”. Eu já sabia que o cheque não tinha fundo. Aí peguei e fui embora. Falei para o meu assistente: “Toma conta do time”. Ele já tinha vendido o jogo, já. Ele sabendo que eu não ia voltar na segunda-feira, porque ele me ligou. “Já cancelou o cheque, já”. Ele já sabia que ia cancelar. Na quarta ele obrigou o treinador a colocar o terceiro reserva, para o cara perder o jogo, vender o jogo e ganhar um dinheiro para o time subir. E ele falou: “Não tenho condições de colocar o time em cima, esse time de Guaxupé é um time de cima, César”. Olha o que eu aguentava, rapaz. Mas não comigo que ele fazia isso, que eu não deixava. Eu saía antes, mas ele, rapaz... Um dia peguei um carro... Toda cidade pequena tem uma zona, né.

B.R. –Não só as pequenas...

C.L. –Você vê onde está. Tem chácara. E lá não era chácara, e ali todo mundo sabe, da cidade de Guaxupé, que a terceira rua de cima, do trem, tem uma casa, tem umas casas de meninas. E eu estava sem carro. E ele tinha um Landal. Eu falei: “Presidente, o senhor vai precisar do carro?”. “Não”. “É que eu tenho que ver um negócio aqui”. Eu queria ir de carro na zona, não ia andando. Eu morava no Hotel Cobra, ali perto da cidade, perto da estação, não vou para lá. Aí falei: “Vou com o carro dele”. A senhora dele era professora, psicologia e tal. Uma senhora íntegra, uma mulher bacana. E todo mundo conhece todo mundo e o carro dele, conhecido também... E falei: “Eu deixo o senhor em casa, e depois fico com o carro. Eu coloco ele no hotel”. “Você coloca mesmo, César?”. “Coloco, pô. No estacionamento do hotel, eu pago.”. “Tudo bem, vai.”. Me adorava ele. Deixei ele em casa e voltei. Lá pelas nove horas fui para

Transcrição

casa das meninas e parei o carro. No dia seguinte, de manhã, no treino: “Que é que você fez, rapaz!”. “O que é que houve?”. “Putá, Vanida está na bronca, Vanida está na bronca comigo!”. Vanisa, ele chamava Vanida. “Vanida está na bronca.”. “O que é que houve?”. “Ela falou que eu estava na boca, que meu carro estava parado. Porque você tinha me deixado em casa e eu fui para o bar jogar baralho e cheguei tarde em casa.”. Como o carro não estava... Contaram para ela que o carro... Minas, pequeno, uma senhora ou o marido da outra contou que o grande sem vergonha estava na zona. Olha que situação. O marido chegou de manhã. E eu: “Não é nada disso, seu presidente. Eu vou fazer isso com o senhor?”. Depois contei para ele que fui lá e tal. Aí ele não me emprestou nunca mais o carro. Mas treinar time pequeno é parada. Eu já peguei jogador bebendo pinga no bar. De mau humor, quieto, e no treino eu dava dobrado para ele. Aí reuni o pessoal: “Não adianta nada”. “Ele fica tomando pinga”. “Eles estão acostumados”. “Mas não é por aí, cara. Assim nunca vai ser jogador de futebol”. E time sem condições nenhuma. Agora treinar o Flamengo, treinar o Palmeiras, o Corinthians é fácil, cara. Agora, vai treinar pelo norte, nordeste para você ver o que é bom. Eu fui infeliz cara. Se eu, quando parei com o Fluminense... Eu tive a proposta, quando você pára todo mundo dá proposta para você: “Treina o Júnior do Fluminense.”. Se fico no Fluminense, sou treinador até hoje. Estaria numa boa.

B.H. – Como era o seu estilo como treinador? Durão, ofensivo, retranqueiro?

C.L. – Não! Sou bem ofensivo. Tranquilo. Eu jogo de acordo com... O treinador, ele monta o time de acordo com ele. Eu quero ganhar e acabou. Não quero saber quanto o outro vai tomar, eu quero fazer. Deu para entender? Agora, o... Nós estávamos falando o quê? Deu até branco, pô.

B.H. – Seu estilo como técnico...

Transcrição

C.L. – Disciplinador. Você, quando assume o comando de uma turma, de uma Academia, você tem que ter voz de comando. E você aprende muito a comandar um grupo. E é gostoso. Agora, você tem que tratar todos iguais, como homem. Ensinar, explicar, passar sua vida para eles. “A minha vida foi assim, assim. Eu fui um vencedor. Hoje não estou mais daquele lado, estou deste lado aqui. Agora, é jogo aberto aqui. A verdade. Ninguém mente nada. Quem mentir vai dançar e todos aqui somos ganhadores. São onze, onze cabeças pensando a mesma coisa. Não existe ninguém melhor do que a gente.”. É isso aí. A gente tem que colocar sempre na cabeça que somos os melhores. Se a gente achar que é fracassado acabou, cara.

B.H. – Então trabalho de treinador é também trabalho de psicólogo.

C.L. – Também. Nem fala. Isso aí você tem que começar... Você tem que passar a sua vida e, às vezes, a sua infância para o cara. Tem muito jogador que fica prestando atenção. “Pô cara, eu tive a sua vida”. “Jogar em time pequeno não é fácil”. Aí você fala: “Só joguei em time grande. Time grande assim, assim... Você não quer chegar lá, ou quer ficar assim? Eu estou fora! Quer ficar aqui? Terminando o campeonato vou embora, cara. Vou para um clube melhor. Quer vir comigo, vem. Agora, encostar e ficar aqui não é comigo, cara”. Então o jogador vai pensando. Eu passei em Guaxupé três vezes, três vezes liderando a cabeça do pessoal e largando, não é, porque não estava recebendo. Só para ajudar ele. “Vai só para me ajudar, monta o time, César, aí para mim.”. Eu ia lá e montava.

B.H. – Você foi treinador em outros lugares? Nordeste você citou, ou não?

C.L. – Olha, fui para Bahia, fui para Vitória da Conquista.

B.H. – E é muito diferente o nordeste?

Transcrição

C.L. – É... Diferente. É uma cidade que você tem jogadores veteranos ainda jogando. Porque o jogador veterano, ele pára no grande centro e começa a... Como se fala? A roubar em determinados lugares que não tem ninguém. Ele é o nome. Ele é a atração. “Aquele ali é fulano”. O Marcos, vamos colocar o Marcos. Amanhã a Marcos sai daqui e vai trabalhar em Recife.

B.H. – Goleiro do Palmeiras.

C.L. – É. É um modo de dizer. Daqui a uns dez anos. Ele vai estar com 50 anos. Não, daqui a cinco anos, com 45. Ele vai assinar contrato ainda, cara, porque é o Marcos. E vai roubar, gordo... “Esse aqui é o Marcos, o Marcos está aqui”. Claro, daqui a cinco anos ele vai estar gordo, sete anos... Não está treinando. Mas lá ele vai ser aquele nome que vai ser... Amanhã ele pega como treinador, aí sai: “Não, eu sou goleiro, eu que mando, eu que faço”. Modo de dizer. É assim que acontece no norte, nordeste. E você acaba sendo o mau caráter para aquele jogador de idade, porque você não pode jogar com eles, cara. Você parou para pensar? Não posso trabalhar com eles. E a maioria das cidades do norte, nordeste, no interior, é tudo jogador da cidade. E na cidade você não pode fazer um time, cara. Nunca teve, vai ter agora? E os caras não querem subir, não é? Eles querem se manter ali, ganhando o dinheirinho deles... A chapa, para registrar o jogador, a chapa. Sabe de quem é a sua chapa com quarenta anos? O filho dele nasceu ontem. Pega a chapa do filho dele daqui a... Você tem até hospital próprio. Dá a chapa do filho dele, que nasceu ontem. Limpinha, do pulmão. Aí junta o documento e entra na federação. Você acredita nisso? Em Minas está cheio. Documento do irmão. Cara, é duro...

B.R. – Fazem muito gato.

C.L. – É duro de você trabalhar. É duro trabalhar.

Transcrição

B.H. – Quem foram seus técnicos que para você foram referenciais? Que você espelhava, se inspirava?

C.L. – O seu Modesto Bria, na base. Seu Modesto Bria, o seu Walter Miralha, o Aymoré Moreira, Filpo Núñez...

B.H. – Aymoré, que era conhecido por ser disciplinador também...

C.L. – Nossa Senhora, Aymoré era um espetáculo.

B.H. – Zezé Moreira também era disciplinador...

C.L. – Seu Zezé era, pô. Trabalhei com ele só na seleção carioca. Yustrich também trabalhou, seu Alfredo [Solista¹²] trabalhei, seu Mário Travaglini... Muitos treinadores bons.

B.H. – Telê?

C.L. – Telê não trabalhei.

B.H. – Mas o considera como um...

C.L. – Opa! Como um dos melhores dos últimos anos. Um cara disciplinador, um cara que orienta o jogador. Você também tem que orientar. “Por que você tá comprando isso? Compre uma casinha para sua mãe, rapaz. Você não tem”. “Vai fazer um

¹² O mais próximo do que foi possível ouvir.

Transcrição

contratinho?” Dá base à garotada. “Compre uma casinha para mamãe, pô”. Sempre a primeira coisa é a mamãe e o papai, o resto esquece. Não vai atrás dos outros, dos amigos para ajudar. Primeiro você se ajuda, depois ajuda os amigos. Agora, tem uns treinadores ótimos. O Pelica era treinador também. Não vou citar nomes, mas tem uns treinadores que não querem nada. Treino que a pessoa fica sentado lá... A gente vai fazer o quê?

B.H. – César, você tocou num ponto muito interessante que até o momento não vi nenhum outro jogador tocar, que havia uma diferença de estilo de jogo do Rio de Janeiro para São Paulo.

C.L. – Com certeza.

B.H. – Você demarcou bem essa... Viveu o Campeonato Carioca e viveu o Campeonato Paulista com experiências muito diferentes?

C.L. – O carioca, ele é mais tiro, entendeu. É mais clássico. O paulista, é mais aquele funcionário público. Aquele cara que pega o ônibus sete horas da manhã para trabalhar. O carioca, ele sai de Ipanema para o Leblon e pega um táxi. “Pô, eu vou caminhar o caralho! Vou pegar um taxi.” É isso. Por isso que muitos jogadores do Rio não jogam aqui. Só joga aquele guerreiro...

B.H. – Você...

C.L. – O Edmundo, eu, o Ademir, o Zinho. Só cara mesmo de onde? De Niterói, o Edmundo. O Zinho é de Nova Iguaçu. Entendeu? Não joga, cara a história é outra. Agora, o paulista sai daqui arrebenta lá. Está sol para cacete às dez horas da manhã, e o treinador treina à tarde. Aqui, está chovendo para cacete, granizo: “Vamos para o campo.”. Deu para entender? Lá, um dia antes: “Como está o tempo amanhã?”. “Está na Globo, vai chover. Amanhã está um sol de oitenta graus”. Cinco horas da tarde o treino,

Transcrição

na praia. Copacabana, todo mundo vendo. Mulherada passando de tanguinha e o jogador: “Ah, coisa linda”. Aqui você vai treinar com uma chuva do caralho, aquele prédio cheio de obra, tudo caindo, quebrando... Diferença grande.

B.H. – Agora, essa diferença se refletiu...

C.L. – Você pega... Desculpe.

B.H. – Sim, fala.

C.L. – Você pega o Zico, o Romário pega o ônibus para ir de Copacabana a... Onde ele mora? O Romário, onde mora a mãe dele...

B.R. – Jacarezinho?

C.L. – Não. Onde mora a mãe dele?

B.H. – Penha...

C.L. – Vila da Penha. Pega um ônibus até Vila da Penha e pá: “E aí, Romário! Beleza?”. “E aí, baixinho? Flamengo amanhã! Vamos ganhar, hein.”. “Tudo bem.”. Só. Pega o ônibus da Matarazzo até a Praça da Sé: “Olha, olha lá. Está fodido.”. “Aquele é o César..”. “Aquele é jogador do Palmeiras! Olha lá. César! César!”. Porra, não tenho direito de pegar um ônibus! E no Rio qualquer um pega ônibus, qualquer jogador pega ônibus para ir para o treino, para ir para Gávea, qualquer lugar. Normal isso. Aqui, não. Se você estiver bem calçado e bem vestido você entra em qualquer lugar. No Rio nego vai no banco de bermuda e camiseta. Aqui você não entra de camiseta no banco. Nego

Transcrição

já te olha. Lá no Rio, se entrou de terno nego te enquadra. Então há essa diferença grande. Lá, você é jogador do Olaria a imprensa conhece, todo mundo conhece. Jogou no Olaria, está na história. É artista. A mulherada... Aqui nego joga no Juventus, se bobear enche é de porrada pensando que é ladrão. É verdade. Porra, cara. Não é por aí irmão.

B.H. – Esse é um ponto importante, porque até a década de 80 a Seleção Brasileira era Rio-São Paulo. 90% dos jogadores eram...

C.L. – Até 1974 era mais Rio do que São Paulo. Por que a CBF é no Rio, os treinadores são cariocas... A partir de 1980, 1985 para cá, 1982, aí teve São Paulo e Rio.

B.H. – Como é que era isso? Quando formava a Seleção Brasileira e tinha essa base Rio - São Paulo, com dois times diferentes...

C.L. – Base separada. São Paulo aqui, Rio aqui. A imprensa paulista aqui e a imprensa do Rio aqui.

B.H. – Um querendo um jogador, um querendo outro...

C.L. – A imprensa do Rio: “Zagallo, vai colocar Paulo César”. A imprensa de São Paulo quieta, passava a história para cá: “Vai jogar Paulo César”. Em vez de lutar: “Não, vai jogar Edu”. Eles colocavam: “Vai jogar Paulo César”. “Por que, se a imprensa carioca falou que vai jogar Paulo César?”. “Porque a paulista falou que vai jogar Edu. Eles estão falando de Paulo César e vai jogar Edu”. E Zagallo, o treinador, fica na dúvida. Porque vão muito pela imprensa. A imprensa, não sabe a força que a imprensa tem numa Copa do Mundo, numa Seleção. Elas mandam. Vocês mandam. Vocês não sabem a ideia. Eles têm um medo da imprensa do cacete. Então a paulista

Transcrição

ficava quieta. Reunião com a comissão técnica, a carioca aqui, a paulista não estava nem sabendo... Um só às vezes estava... Mas não chegava aqui... Um saía daqui e falava: “Teve um papo assim”, sai notícia aqui. “A comissão falou que vai ter treino, só recreação”. Aqui já saiu: “Vai ter recreação, vai ter concentração depois do almoço, vai ter um jogo, vai ter um passeio e vai ser isso e o caralho a quatro”. Aqui ficou só na recreação. Deu para entender? Até 1984, 1982. Agora, não. Agora abriu, as duas são praticamente irmãs, porque abriu tudo. Hoje você... Porra, a internet hoje arreventa tudo.

B.R. – Mas você acha que, por exemplo, no caso da sua Copa de 1974, se refletiu em uma rivalidade paulista e carioca ou você acha que esse tipo de questão não existiu?

C.L. – Eu acho que acabou na perda da Copa, acabou a rivalidade entre Rio e São Paulo. Acho que essa perda fez juntar mais. Porque se ganha continuaria o Rio de Janeiro mandando em tudo.

B.H. – E vocês, como jogadores, viviam essa rivalidade?

C.L. – Com certeza. Porque existiam mesas... Não era porque a gente provocava, não... Não sei dizer, cara. É porque, por exemplo: eram cinco, dez, 15, 20, 25 e a comissão. Então do Palmeiras foram seis. Grupo do Palmeiras aqui, São Paulo aqui. Rio lá. Onde estava o pessoal do Rio estava o pessoal do Rio. Não havia aquilo de São Paulo aqui, Rio aqui... Não tinha esse papo: “Como é que está o futebol paulista?”, “Como está o carioca?”. Não tinha esse papo. Deveria ter, porque o próprio Zagallo fez esse ambiente.

B.H. – E, por exemplo, você sendo de origem do Rio de Janeiro...

Transcrição

C.L. – Isso. Mas era afastado, era discriminado lá. Está bem? E era discriminado lá, mas era aceito aqui. Entendeu?

B.H. – Entendi. César, essa série de depoimentos tem como foco contar a memória sobre as Copas do Mundo do ponto de vista do jogador. E te pergunto: você nasceu em 1945...

C.L. – Certo. E assisti a Copa de 1950 com meu pai, no Maracanã. Chorei, chorei para ir embora! Meu velho: “Calma, calma”. Eu tinha cinco anos, lembro até hoje que estava chorando e não deixei nem o velho ver o jogo. Nem me lembro quem... Eu vi o jogo, sei que foi o Ghiggia que fez. Não sei quem fez o primeiro gol, não sei quem fez... Hoje sei da história. Mas na época, com cinco anos, você não tem noção. Porque foi em 50, não é? Eu lembro que chorava muito e não me lembro também como saí do campo. Sei que eu queria: “Papai, vamos embora.”, e eu puxava ele. E o velho querendo ver o jogo na arquibancada. No último degrau da arquibancada do Maracanã, com 200 mil pessoas...

B.H. – Você estava na final, então?

C.L. – Eu estava na final. O papai me levou. Não me lembro como fui embora, não lembro. Porque eu dormia muito no colo dele, não é. Talvez dormi e tal. Não me lembro.

B.H. – Esse fato é incrível. Muitos dos jogadores não lembram...

C.L. – Eu lembro. Lembro que estava chorando e meu pai falava: “Calma, vamos embora já, filho”. Porque muita gente, com a multidão. Depois virei jogador. Para você ver como é a vida. Deus faz coisas grandiosas.

B.H. – E Copa do Mundo de 1954 você tinha nove anos, alguma lembrança dessa Copa?

C.L. – Também não. Eu via... Eu tenho uma lembrança em 1958, que eu... Correndo para cá, caguetando que vinha polícia e colocando o resultado no poste. Eu lembro que foi nessa época que estava... Lembro do gol do Vavá, do Garrincha.

B.H. – E televisão, já tinha? Ou era rádio?

C.L. – Não, não... Rádio. Na televisão, a transmissão de Copa foi em 1970.

B.H. – De 62, você lembra?

C.L. – Lembro também nessa mesma situação, eu na praia tomando conta... Com quatro anos depois, para mim, só posso lembrar que... Imagino, que esses quatro anos viraram seis meses, que surgiu a nova Copa, foram quatro anos. Para mim, no pensamento agora, foi rápido. De 1958 a 1962 parece até que juntou com a outra.

B.H. – Em 1962 você tinha 17 anos, já era aspirante, já era jogador?

C.L. – Sim, mas era jogador já do Flamengo, da escolinha.

B.H. – E depois da vitória no Chile, bicampeonato, teve a chegada da Seleção...

C.L. – Teve, que o Jair Marinho foi o primeiro a sair na porta...

Transcrição

B.H. – E você lembra dessa chegada?

C.L. – Chegada dele eu vi, na televisão.

B.H. – Na televisão, não comemorou na rua?

C.L. – Não, não... Não comemorava, que era muito humilde, cara. A minha família, na praia, a gente não... Tanto é que em 1962 e em 1958 nós não tínhamos televisão em casa. Era preto e branco, e nós não tínhamos. Eu subia num murinho assim, na casa de quem? Daquele que mora na Coronel Miranda, que está vivo até hoje, foi presidente lá do Fluminense... Não lembro o nome dele agora. Eu subia no muro. Ele deixava a porta da sala aberta e eu olhava a televisão assim, em pé do muro. Não foi fácil.

B.H. – 1966 você tinha 21 anos...

B.R. – Vice-campeão carioca...

C.L. – Vice-campeão carioca pelo Flamengo, perdemos para o Bangu...

B.H. – Que já era do Castor de Andrade...

C.L. – Castor de Andrade, o Caio jogou com ele também. Mas é em 1966 que o Silva foi convocado. Perdemos a Copa para Portugal. Eusébio foi o goleador. Aí eu

Transcrição

lembro já, a derrota. O Dias, o próprio [Geraldo Escouto¹³] quebrou o joelho e não foi, era ele e Djalma Santos. Aí eu lembro.

B.H. – 1970 você tinha 25 anos.

C.L. – Em 1970 já fui convocado. Aí foi vetado pelo Saldanha, falou que eu era maluco, que eu era doente. Sei lá, falou umas merdas lá. Aí em 74 foram obrigados a me convocar.

B.H. – Mas em 1970, você não ser convocado te gerou frustração?

C.L. – Participei da festa...

B.H. – Mas te gerou frustração não ser lembrado?

C.L. – Foi porque pela lei... Era na época dos militares e teve uma ordem de Brasília para o Zagallo convocar o Dadá. O Dadá conta isso até hoje, o Dário. E ele foi no meu lugar.

B.H. – E iria você?

C.L. – Iria eu. Ele foi no meu lugar. Ficou de fora: eu, o Toninho Guerreiro, o Coutinho já tinha parado...

¹³ O mais próximo do que foi possível ouvir.

Transcrição

B.H. – E ter vivido nesse momento da Ditadura Militar. Nós vivemos em uma geração que não chegou a viver isso. Como é que foi?

C.L. – Na Ditadura Militar foi a melhor época da minha vida, de nossas vidas, né. Eu acredito que o país... Só quem tomou porrada é que é safado, que é moleque, porque respeito existe em qualquer lugar. Eu, como fiz Serviço Militar... Fui da P.E.¹⁴ em 1965. Eu acho o seguinte: que tem que existir uma hierarquia, respeito. Você jamais pode chegar a um presidente da república, pode falar mal do seu comandante. E eu acho que a maioria do pessoal da minha época tem um pouco de dinheiro investido em imóveis através daquela época. Porque nós vivíamos numa época de comprar apartamento em 30 meses, 36 meses. Eu comprei o meu em 36 meses, 30 meses. Comprei o meu carro em 30 meses, 24 meses.

B.H. – A chamada época do Milagre Econômico, não foi?

C.L. – Com certeza.

B.H. – Do Brasil potência...

C.L. – Potência. Tranquilo. Sem dívida, bonito... A partir do momento que o Figueiredo falou: “Eu vou deixar na mão dos civis, para vocês verem o que é bom.”. Porque perguntaram para o Figueiredo: “Se você ganhasse um salário mínimo você faria o quê?”. E ele falou: “Daria um tiro na minha cabeça.”. Depois dele veio o Collor, um dos maiores presidentes depois da ditadura. Porque... Um homem que trouxe para gente a importação e essa moeda que nós temos foi o Collor que fez, não foi nada de Fernando Henrique, que Fernando Henrique era ministro do...

B.H. – Itamar...

¹⁴ Polícia Especial.

Transcrição

C.L. – Do Itamar, não é. Então acho que depois do... Eu acho que foi uma época boa que nós vivemos.

B.H. – E 1970, a conquista do tri. O fato de... Na Seleção teve a mudança do Saldanha para o Zagallo e uma comissão técnica que vinha dessa escola do exército. Você acha que...

C.L. – Tanto é que Coutinho, o Coronel Bonetti... O Capitão Bonetti era o meu diretor na época, no Palmeiras.

B.H. – E a próprias instituições de desportos passaram a ser comandadas por militares. Foi uma época...

C.L. – Ganhadora.

B.H. – Vencedora?

C.L. – Vencedora. Por isso que falo, entendeu. Porque até 1974, antes de ir para fora com a Seleção, nós tínhamos que passar em Brasília. E passamos lá, era o Geisel. Ele chegou e falou para gente: “Eu espero que vocês tenham respeito pelos outros, demais. E quero essa taça”.

B.H. – Mas você falou, em 1965 você era da P.E.?

C.L. – Da P.E..

Transcrição

B.H. – Você foi da Polícia Especial? Serviu...

C.L. – Correligionário. Os meninos da Aeronáutica eram o meu cão.

B.H. – Como?

C.L. – Eram o meu cão. Revistava todos eles. Era uma época boa. Boa e gostosa. Eu servi no 8º G. Can. Conhece? Na Barra, na Bartolomeu Mitre, um patrulhamento ali. Agora virou guarda. Agora tem guarda ali.

B.H. – 1º Batalhão, também? Ali no Leblon.

C.L. – Era 1º Regimento.

B.H. – E em 1974 aconteceu uma mudança muito importante também no poder, na instituição do esporte, que foi a eleição do João Havelange para a FIFA.

C.L. – É. O doutor João Havelange, um excelente homem. Estava junto com a gente lá na Alemanha quando teve a nomeação dele. A gente estava junto.

B.H. – Então ele foi eleito, e o novo presidente da CBB passou a ser o Almirante Heleno Nunes.

C.L. – Heleno Nunes, sim.

B.H. – E nesse contexto que você foi convocado para a Copa de 1974...

C.L. – Isso. Seu Heleno Nunes era presidente do América, né?

C.C. – Não, ele era diretor do Vasco.

B.H. – Ele era do Vasco.

C.L. – É. Diretor do Vasco.

B.H. – O Giulite Coutinho é que depois virou do América.

C.L. – É que depois também tinha um diretor do Vasco chamado Coronel Eric, vascaíno doente, por isso o Vasco foi Campeão Brasileiro.

B.H. – Em 1974.

C.L. – É.

B.H. – E conta, então, a sua lembrança da preparação da Copa de 1974, para Copa de 1974. Você já falou um pouco da Floresta Negra, da concentração. Como é que foi essa Copa, o que você lembra, o que mais te emocionou, o que mais te revoltou...

C.L. – Que me revoltou foi o seguinte: que Zagallo só treinava o time titular. A partir do momento que ele escalou aqueles onze, foram só aqueles onze. Acabou. A gente não treinava mais. Não treinamos.

Transcrição

B.H. – Não tinha chance. Não tinha oportunidade, não tinha esperança de jogar?

C.L. – Nenhuma. Por isso que foi o meu aborrecimento com o Zagallo.

B.H. – E quando você foi convocado...

C.L. – Acreditei que ia como titular. Joguei todos os jogos amistosos. No último ele me tirou, meio tempo. E botou a linha com Valdomiro, Carpegiani, Jairzinho, Rivelino e o Caju.

B.R. – E como foi para você, ídolo no Palmeiras, acho que desacostumado à reserva, acompanhar aquela Copa na reserva?

C.L. – É, foi triste. Porque o Brandão, ele chegou antes da Copa e falou: “Vamos embora, você e Lê. Vamos embora disputar o Campeonato Brasileiro porque vocês não vão jogar”. Brandão já era sabedor que a gente não ia jogar. Que o Zagallo comentava lá. [Interrupção para troca de água] Então em 1974 fiquei decepcionado com o Zagallo, porque em 70 eu tive um comentário no Sílvio Santos sobre o Zagallo. E o Sílvio Santos perguntou: “Seu padrinho de casamento, é verdade, César...”. Sabia que eu tinha uma briga com o Zagallo. Teve uma discussão com o Zagallo num jogo no Campeonato Brasileiro. Não sei de que ano, 1969? Que nós ganhamos do Botafogo e eu fui no banco falar umas verdades para ele, e não esperava que o Zagallo fosse treinador da Seleção. E ele levou o lado pessoal para dentro de campo. E o Sílvio Santos, sabedor disso, me fez uma pergunta no programa dele: se meu padrinho de casamento seria o Zagallo no dia em que eu casasse. E falei: “Não. Meu padrinho de casamento não vai ser um moleque, vai ser um homem”. Aí o Sílvio falou: “Pô, será que ele não é homem?”. Aí terminou. O Sílvio Santos deixou aquilo no programa: “Será que ele não é homem? Então o Zagallo não é homem!”. Ele pegou e em 1974 ele me arrebitou. Então tive esse problema com o Zagallo.

B.H. – E quem botou lenha na fogueira foi o Sílvio Santos.

C.L. – É, mas ele podia ficar quieto. Ele podia levar numa boa. Foi a Copa mais fácil que nós tivemos.

B.R. – Mesmo com aquela primeira fase sofrível, dois zero a zero...

C.L. – Sim, mas nós tivemos 3 a 1 contra o Zaire, que o último gol do Valdomiro.

B.R. – Três a zero para o Zaire.

C.L. – Três a zero? Ali foi fácil. O mundo todo estava com medo da gente.

B.R. – Nesse jogo, inclusive, todo mundo que veio aqui falou que você aprontou com o time do Zaire é isso?

C.L. – É... Foi o seguinte, eu tenho... O Zagallo me chamou, o Chirol falou: “César, você vai jogar”. Aí eu subi. Era uma escada rolante... Lá em Munique descia para entrar no campo, era uma escada rolante para você ir para o campo. E eu subi pela outra escada e fui para o vestiário. Mudei de roupa, tomei uma massagem rápida e tal. Aí estou lá aquecendo... Aí falou, o Jairzinho não está legal, Zagallo não falava comigo, o doutor Lídio falou: “O Jairzinho está em teste lá e você vai jogar.”. Eu falei: “Tudo bem.”. Aí fiquei. De repente o Chirol fala: “O Jairzinho vai jogar, pode mudar de roupa e ir para arquibancada.”. Falei: “Porra! Nem na reserva?”. “Não, vai para arquibancada.”. Aí desci meio puto, saindo assim... E veio o Zaire subindo. Aquele negão com todo o material. Aí apertei *stop*. Depois do *stop* queria procurar outro para

Transcrição

subir... Aí pedi para descer, rapaz. Aí o bicho parou e desceu, não é, e depois subiu e um caiu um por cima do outro... Puta que pariu! Aí subiu. Foi uma bronca. Acho que foi aqui que ganhei o jogo. Não foi o Zagallo, fui eu que ganhei o jogo. E teve isso aí. Nego riu para caralho. Nego não falou que o Mário Américo colocou uma pedra de gelo deste tamanho, duas pedras, no transformador lá de 800 volts. É que estava seco. Imaginou se aquela porra dá um choque? Aquele negócio de refletores lá, ele colocou lá dentro. Aquilo não estava ligado, acho. Foi uma merda, cara.

B.R. – E veio essa segunda fase, que é um formato diferente, né. Formato de todos contra todos. Que o Brasil é eliminado num jogo final contra a Holanda.

C.L. – Holanda, não. Foi eliminado contra a Polônia. Não, é Holanda. Perdão. Com a Holanda, nós, em 20 minutos... O Jairzinho e o Paulo César perderam dois gols, mas assim, na cara. Coitados, eles não tiveram culpa, porque eu podia avisar: “Olha, está livre! Faz o gol”. Mas não. O Jairzinho foi primeiro, pegou a bola, meteram para Jairzinho, ele entrou na cara do gol. Ele bateu rápido, pensando que tinha alguém atrás, aí bola para fora. Eles não estavam fazendo a linha burra. Eles estavam com medo do Brasil. A segunda bola... Tocando... Paulo César bateu também e a bola para fora. Dois gols. Aí fodeu, eles começaram a crescer. Aí começaram a fazer a linha, quando fez a linha, cara. Até o porteiro estava no impedimento. Aí Cruyff¹⁵ foi lá, um a zero. Neeskens¹⁶ foi lá, dois a zero. Aí o Cruyff fez aquela gracinha dele toda... Quando ele fez... No meio. Expulso o Luís Pereira, aí fodeu tudo. Não passou na televisão. Mas eu levei a maior vaia do mundo nesse jogo. Antes do jogo eu saí de lá... Saí lá de cima, porque fui chamado de novo, também não joguei, nem fiquei no banco. Todo mundo veio por aqui, eu já sabia que não ia jogar mesmo... Eu dei a volta e entrei por lá, pela outra torcida, da Holanda. E entrei no campo com a camisa do Brasil. E vim para cá, para o meio do campo, eu sozinho. Tomei a maior vaia do mundo. Eu fazia assim... Mas não era transmitido na época.

¹⁵ Johan Cruyff.

¹⁶ Johan Neeskens.

Transcrição

B.H. – E como foi o ambiente depois da derrota, entre os jogadores? Sabe-se do desentendimento entre dois jogadores da Seleção Brasileira...

C.L. – Não, não houve. Marinho e o Leão, não houve. Eu morava junto com o Marinho, estava junto com o Marinho na viagem toda. A Seleção toda com o Marinho. Marinho é um amor, não briga. Leão também não briga. Houve uma discussão. Só.

B.H. – Isso no jogo contra a Polônia, já?

C.L. – Discussão, no treino. Só isso. Mas não houve nada. Se o Marinho falou que houve é mentira. Marinho falou que houve?

B.H. – Falou que houve.

C.L. – Não. Não houve. Marinho não é de briga. Leão pegou a bola e ele tem mania de chutar e ficar no gol. E Marinho começou a chutar para gol. E Leão falou: “Pô, chuta forte!”. E Marinho colocava. Leão saía e Marinho ‘tum’ no outro canto. Leão ficava putô. Uma hora o Marinho deu uma porrada e o Leão soltou, e o Marinho foi... E Leão correu atrás de Marinho. Marinho correu para lá... Os dois: “Deixa disso e tal.”. Não tem negócio de briga de Leão nem de Marinho. Aí Leão pegou a bola e jogou em cima dele...

B.R. – Porque o motivo, o suposto motivo da briga, seria o lance que originou o gol da Polônia, do Lato¹⁷.

C.L. – Não, não. Não foi.

¹⁷ Grzegorz Lato.

B.H. – O fato do Marinho avançar e deixar que ele ficasse descoberto...

C.L. – Não foi. Não foi por esse motivo. Isso foi depois.

B.H. – Isso, no jogo com a Polônia. O último jogo.

C.L. – Não. A discussão deles foi no treino, cara. Não...

B.H. – Não passou disso?

C.L. – Não. O lance foi o seguinte: fizemos lateral no segundo tempo... O Zagallo tirou o Ademir da Guia. E não sei quem foi que entrou, não me lembro. Aí fizeram a linha burra, o Brasil. O Marinho pegou e: “Sai!”, e todo mundo saiu. E o Marinho saiu também! Mas todo mundo quando saiu... [Inaudível] Aí o Lato entrou por aqui e quando o Marinho fez isso o Lato entrou. E fez o gol. Mas o Marinho não teve culpa. Fizeram a linha de impedimento e o Marinho ficou aqui. Ficaram os quatro aqui e o Marinho aqui. Deu condições à Lato. Na distância, Lato pegou e...

B.H. – E sua vida na Seleção depois da Copa não teve prosseguimento?

C.L. – Não. Não teve. Eu estive no Palmeiras, fomos campeões da Ramón de Carranza, que tenho até o jornal. O Cruyff falando: “Por que o Zagallo não colocou o César e o Ademir da Guia para jogar?”.

B.H. – O Cruyff falou isso?

Transcrição

C.L. – É. Que o Cruyff estava no Barcelona e o Pelé no Santos. Nós estávamos no Palmeiras e o Cádiz. Foi os quatro. E o Palmeiras foi o Campeão, ganhou do... O Santos perdeu para o Cádiz e o Palmeiras ganhou do Barcelona e do Cádiz. Fomos campeões. Fez a preliminar: Santos e Barcelona, Palmeiras e Cádiz. Nós ganhamos do Cádiz... Ele viu nós dois, eu fui bem. Não lembro quanto foi. Sei lá, ganhamos de quatro a um. E o Cruyff falou: “Por que não colocou o central nove e o dez, o Zagallo”. E isso foi muito glorioso para mim. Depois, para cá, o Brandão depois dessa briga falou que eu não jogava mais com ele. E nós viemos para São Paulo. Eu tive uma discussão com o Brandão lá, que eu saí para tomar um vinho depois que nós ganhamos a Ramón de Carranza na casa de um amigo. Cheguei de manhã, no dia seguinte nós fomos jogar. Aí ele falou, discuti... Fomos fazer a despedida do [Fartio¹⁸], que é o espanhol. Quando o [Fartio], o espanhol, estava no Flamengo, eu era juvenil e ele era profissional, era infantil e ele era profissional. E discuti com ele porque cheguei tarde e ele falou que eu não deveria sair. Nós viajamos para Madri. Chegou lá e ele falou: “Teve um jogador que saiu aqui e não dei ordem e ele saiu”. Eu falei: “Esse jogador, não. Fui eu que saí, o senhor fala no meu nome porque fui eu que saí. O senhor é sabedor que fui eu que saí, porra”. Ele: “Quando chegar no Brasil você vai ver, você não vai jogar mais comigo”. “Quero que você vá tomar no seu cu”, aí saí e fiquei no banco. E não é modéstia à parte, para não dar uma porrada nele era melhor xingar, porque eu já estava na minha faixa roxa e esquentava a minha cabeça à toa. Entendeu? Então, para mim, agredir ele era fácil. E acabou nessa mesma semana, que nós chegamos. E acabou, nós fomos para Madri. Foi lá em Madri. Fiquei no banco. No dia seguinte teve o jogo e fiz o gol da vitória, um a zero. Ele ficou meio puto também e eu falei para ele: “Eu sou foda, rapaz! Vai tomar no seu cu!”. Ele ficou mais puto ainda. Chegou lá no primeiro treino, ele falou que ia fazer isso... O diretor me chamou e tal, eu voltei e dei uma porrada na porta do vestiário. Arrebentei a porta do vestiário assim, aí fui para casa e discuti depois do campeonato... Quando terminou o campeonato o diretor me chamou e falou que eu estava vendido para o Corinthians. E falei: “Mas eu não vou, não quero ir. Quero ficar no Palmeiras.”. “Não, você vai ter que ir. Que já foi vendido. Vai ter que ir porque já foi vendido.”. Mas ninguém sabia isso.

¹⁸ O mais próximo do que foi possível ouvir.

B.H. – Não foi uma decisão sua ir para o Corinthians.

C.L. – Não! Na época a gente era vendido sem saber, cara. Primeiro eles se concentravam entre eles, depois era a gente. A gente era o último, a saber, que estava vendido.

B.H. – Você em algum momento teve vontade de jogar fora do Brasil?

C.L. – Se eu pudesse jogar, jogaria na Itália, mas nunca tive o destino de ter esse intercâmbio na época. Na época era tudo fechado. Diz, a janela, que falam agora.

B.H. – Você iria se tivesse o convite?

C.L. – Na Itália, sim.

B.H. – Para a Itália.

B.R. – Como foi a sua vida no Corinthians, tendo sido um ídolo do Palmeiras?

C.L. – Foi triste. No primeiro dia que cheguei no Corinthians começaram a me chamar de porco e tal. Sem eu treinar, sem fazer nada. Tem aquela turma que era do contra e a do favor. E no primeiro treino me deram uma meia rasgada. Falei que com meia rasgada não jogava. Ele falou que não tinha outra, o roupeiro, e falei: “Então eu não jogo”. E rasguei, treinei de tênis só, sem meia. Ali começou. Eu dei uma porrada em um cara lá, filho de um diretor, que começou a encher o saco: “Porco, porco.”.

Transcrição

Tinham uns três garotos lá e agredi os três. O Vicente me chamou, me deixou 45 dias de suspensão, sem assinar nada e treinando meio-dia sozinho.

B.H. – Vicente Matheus?

C.L. – Vicente Matheus.

B.H. – E como a torcida do Palmeiras viu a sua ida...

C.L. – Meu filho, na época quem era o filho da puta, o prejudicado, o bandido sempre era o jogador.

B.H. – Sua relação, de modo geral, com a torcida do Flamengo, com a torcida do Palmeiras foi boa?

C.L. – Foi ótima. Dez anos como ídolo foi uma coisa linda. Só dei alegria para eles.

B.H. – Você se dava bem com a torcida?

C.L. – Bem demais. Até hoje. Até hoje me dou bem com a torcida.

B.H. – Já tinha torcida organizada?

C.L. – Já. Não, tinha a TUP, que era organizada. E tinha outra, que era... A Mancha Verde? Não. Ela deu continuidade à Mancha Verde... Não sei qual é, um negócio de verde. Que até eu era padrinho.

B.R. – Ainda no Palmeiras houve alguma acusação de doping?

C.L. – Tive. O doutor Naércio¹⁹, na época, fiquei na suspensão. Em 1974 fui para Copa do Mundo e fui para Alemanha. Em 1973, quando peguei a suspensão de um ano em 1972, quase um ano, eu tomei Hipofagin. Hipofagin era proibido. Mas se você consultasse, se fosse com receita médica e o médico tivesse consciente que o jogador estava tomando, como o Oberdan tomou, do Santos, o médico segurou a bronca. Houve um processo, o médico segurou a bronca, não deu nada para o Oberdan. Eu tomei o meu, o doutor Naércio não segurou a bronca. Eu fiquei um mês e pouco suspenso. Como se diz, fiquei na suspensão preventiva. Aquela suspensão provisória, até ter o julgamento. Teve o julgamento, ganhei de sete a um. Aí não tive. Aí depois que aconteceu isso e a [aparição²⁰] do Campeonato Paulista, em 1974, ele me chamou e falou que teve um antidoping comigo. E o antidoping não tem nada a ver com a suspensão da cabeçada que dei. Em antidoping eu saí livre depois de um mês. O jogo foi na quarta, na quinta ele falou que eu tive... Que o resultado foi feito do antidoping e saiu que eu tinha tomado alguma coisa, o diretor, senhor Nelson Duque. Eu falei: “Pô, como é que pode dar doping de um dia para o outro? Não existe isso.”. Ele falou que eu estava vendido. “Então tudo bem e tal.”. Eu discuti com ele e não queria ir e não fui. Levei uns 15 a 20 dias para ir para o Corinthians, para ficha cair. Aí falei: “Eu vou porque ele não quer mais que eu jogue lá, não é.”. Aí fui lá, acertei e depois de um mês voltei e falei: “Seu Nelson, eu quero voltar para o Palmeiras. Eu não quero ficar lá. O senhor me mandou para lá e eu não quero ficar. Eu quero receber só a premiação. Me paga só o bicho, não quero ordenado, não quero nada. Porque eu quero voltar para o Palmeiras.”. Ele falou: “Não, César. Agora dei uma palavra de presidente para presidente. Não dá para voltar”. A imprensa não sabe disso. O torcedor não sabe de nada disso, porque foi entre eu e ele. É fogo. Mas por mim eu encerraria minha carreira no Palmeiras. Jamais iria jogar em outro clube. Mas infelizmente... Fazer o quê.

¹⁹ Dr. Naércio Correa dos Santos.

²⁰ O mais próximo do que foi possível compreender.

Transcrição

B.R. – E como foi para você, depois de uma passagem pelo Santos...

C.L. – Não, o Santos foi gostoso.

[FINAL DO ARQUIVO 3]

B.H. – Podemos ir.

C.L. – Então, por mim eu jamais sairia do Palmeiras, terminaria minha carreira no Palmeiras. É um time que eu gosto, porém, Palmeiras me deve mais do que devo ao Palmeiras. Infelizmente essas diretorias depois da minha saída lá do Palmeiras vêm me decepcionando muito, tanto eu como o pessoal da Academia. Porque as oportunidades, em vez deles darem aos seus ex-atletas, eles estão dando a atletas de outros clubes, e a gente fica triste, entendeu? Poderiam estar trabalhando, todos eles, cada um no seu departamento, cada um fazendo o que sabe, ser só do futebol. Mas, infelizmente, é o Palmeiras uma vez, não o Palmeiras, que realmente a instituição, o Palmeiras é uma bandeira muito grande. Esses homens são pequenos, o Palmeiras é muito grande. E é um comentário deles que quem passou, passou. Vamos fazer o quê? Não tem como eles retribuírem ao César, como o César deu alegria. Não existe, não tem como eles retribuírem. Eles não têm condições de retribuir ao César a alegria que ele deu para o Palmeiras. Entendeu? Eles não teriam, porque praticamente, principalmente de uns dez anos para cá, eu vejo que esses homens querem só vaidade, não veem o sofrimento do torcedor, do amigo que vai na arquibancada, nas cadeiras levando sua família e vendo o palmeirense sempre de cabeça baixa. Eu posso falar. O tempo que eu joguei bola e tive lá dentro do campo com a camisa do Palmeiras, eu só vi palmeirense sorridente, só dei alegria e não dei sofrimento pra eles. Eu estou vendo que hoje estão sofrendo muito, como eu estou sofrendo também. Mas, vamos fazer o quê, não é? A vaidade do mundo é dura, eles querem é primeiro ver o lado deles do que a instituição, a instituição é muito

Transcrição

maior do que eles. A instituição fica eles vão. Não é? Eles passam, vão embora. Mas, se eles acham que são eternos, vamos fazer o quê? Fazer nada. É tão triste que a Primeira Academia e a Segunda Academia, em nome deles eu falo: estamos muito tristes por esse resultado que o Palmeiras está tendo depois dos anos oitenta. Teve dois anos, três anos de felicidade, que foi do Luxemburgo, que foi o Vanderlei junto com aquele time que foi campeão da Libertadores, não é, aí depois parou também. Agora nós temos de 1965 a 1975 duas Academias gloriosas e vitoriosas, e nós temos, andamos de cabeça erguida lá dentro do Parque Antártica.

B.H. – César, hoje você mora em São Paulo, gosta de viver em São Paulo, desde então passou a residir em São Paulo.

C.L. – É, eu tenho minha residência em São Paulo hoje, hoje não, há quarenta e seis anos, meus irmãos moram no Rio, eu sou um único, agora o Caio, tá comigo há três anos, quatro anos. Nós estamos morando aqui em São Paulo. Tem minhas filhas que moram em São Paulo, meus netos, estou feliz aqui. Agora, claro e evidente que um dia eu tenho que voltar a minha terra natal, que é a coisa que eu quero mais. Com todo respeito que tenho aos paulistas, mas um dia você tem que voltar a sua terra, não é? Vou com tristeza de um lado, até chegar à divisa, que é Areias, se não me engano, não é? A divisa do Rio de Janeiro. Aí quando chegar ao Rio, depois de começar a sentir aquelas maresias... Acho que vai ser a maior alegria da minha vida, rever meus amigos de infância, que os verdadeiros amigos são aqueles de infância. Estou com saudade deles, sinto falta deles, que os verdadeiros amigos são aqueles de infância. Não é? Que você pode estar em qualquer situação e está sempre com você. Agora, que eu tive um apoio aqui em São Paulo maravilhoso, me adotaram como filho, os paulistas, os paulistanos. Os próprios colegas de profissão, a maioria cada um foi pra sua cidade natal. Eu fui talvez do Palmeiras, fui o único que ficou, eu e o Ademir da Guia, não é? Porém, Ademir da Guia, como eu gosto muito dele, não sei se é o pensamento dele também comigo, mas eu o respeito muito como jogador, mas acho que ele tem que ter mais amor pelos amigos, que ele não tem.

Transcrição

B.H. – Você está dando essa entrevista no Museu do Futebol. Você conhecia o Museu?

C.L. – Eu não tive oportunidade de conhecer o espaço todo. Eu estive aqui a primeira vez quando tive lançamento do livro de esporte, aqui, o livro do... Esteve eu, Pepe e Roberto Miranda, meu irmãozão, um dos maiores centroavante do país, e o Edu Jonas, um dos maiores substitutos do Pelé, aqui também. Saindo desse espaço aqui eu não conheço mais nada, mas vivi os meus primeiros dias, com dezenove anos, nesse espaço bonito e gostoso do Pacaembu. Ali embaixo mesmo, naquelas quatro linhas ali, que foi o maior sucesso da minha vida, foi o Pacaembu. O Pacaembu me trouxe tudo que eu pedi a Deus, tenho tudo que eu pedi, eu consegui. Sou espírita praticante, respeito toda religião, tenho a minha, Deus é o maior de todos, mas, tudo o que eu quis, até hoje, o que eu peço ele me dá. E esse espaço, se não fosse o Pacaembu, jamais seria o César, jamais seria o Rivelino, jamais seria o Pelé, o Ademir da Guia, Pedro Rocha e muitos jogadores, a maioria dos jogadores. Esse Pacaembu dá saudade, cara, dá saudade dos gols. Os gols é saudade, não é? Mas, olha, esse Pacaembu infelizmente, desculpa falar, você está numa parte aqui, mas deveriam ser mais valorizados os jogadores que fizeram parte do Pacaembu, dessa história do Pacaembu, que tiveram glória aqui dentro do Pacaembu. Deveria ter seu espaço da fama, daqueles jogadores que tiveram sua glória aqui dentro, tiveram as suas voltas olímpicas, eu tive muitas voltas olímpicas aqui, tive várias, é gostoso. Na minha carreira eu tive, nos torneios, tive umas treze ou quatorze voltas olímpicas. Não foi aqui, claro, mas o Pacaembu fez parte de algumas. E Paulo Machado de Carvalho, nosso guerreiro, o nome dele, mas o Pacaembu eu falo que é o melhor espaço que tem para o melhor espetáculo da terra, que eu fiz parte desse maior espetáculo da terra, desse palco bonito, que o César Maluco, personagem, esteve aqui dentro que Deus nos deu esse dom de ser feliz, eu e minha família, meus irmãos. Isso é coisa inesquecível.

B.H. – E pra terminar, César, se você tivesse que escolher um momento aqui no Pacaembu, pode ser em outro, mas, Pacaembu, que mais te emocionou, se você tivesse que fazer uma eleição de um, ou pode ser de um gol, de um título, de uma volta

Transcrição

olímpica, de um evento, alguma situação que te emocionou, primeiramente qual delas você escolheria?

C.L. – É fácil. Primeira participação minha no Pacaembu, minha estreia no Pacaembu em 1967, quando eu vim jogar em São Paulo e vestindo a camisa do Palmeiras. Primeira partida minha contra o Santos, que esteve o príncipe, veio ver Pelé. Estava cheio, Pelé subiu no meio do campo, ali no campo. Botaram uma escada ali, ele subiu, foi na tribuna, cumprimentou o príncipe e voltou. Começou o jogo, campeonato Robertão, o César foi lá e fez um gol. Voltamos no segundo tempo, o César foi lá e fez o segundo. Era Gilmar, Mauro... [inaudível], não, era Carlos Alberto, Rildo, Zito, Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe, e eu. Terminou o primeiro tempo, se não me engano dois a zero, na volta o Pelé fez o dele, e terminou o jogo em dois a um, fui embora para o hotel. No dia seguinte, não sei qual foi o jornal, não sei foi a Gazeta, não sei qual foi o jornal, porque quando eu vim pra cá meu pai falou: “Não lê nada, não ouve nada, não assiste nada.”, que eu ficava revoltado, era garoto, não é, lá no Flamengo, chiava pra chuchu. Depois falei tudo bem, e aprendi com ele. Aí, pela manhã, quando eu levantei, tomei café, o porteiro falou: “César, já viu o jornal?”, eu falei: “Não.”, “Dá uma olhadinha aqui.”. Aí eu falei assim, é uma manchete: “O príncipe veio ver Pelé, viu César, garoto do Rio.”. Que coisa linda, essa é minha saudade, com a glória que eu tive, foi o início da glória aqui no Pacaembu.

B.H. – Que consagração.

C.L. – E a maior alegria minha é estar hoje dando entrevista, não é, com um carioca flamenguista, dois amigos aqui, o cinegrafista, o outro também e a sua produtora, **a menina. Infelizmente, eu acho que é a idade, eu estou esquecendo. [Risos]**
Corta para falar o nome deles, vai. Seu nome é?

B.R. – Bruno.

C.L. – Bruno.

Transcrição

B.H. – Bernardo.

C.L. – Bernardo.

F.H. – Fernando.

C.L. – Fernando. E você?

C.B. – Clarissa.

C.L. – Clarissa. Então Bernardo, Bruno e Fernando.

B.H. – E essa entrevista vai ficar pra posteridade, pra todos os visitantes. O museu já teve um milhão de visitantes, que vão poder conhecer o seu depoimento, vai ficar aqui para o nosso acervo. Queremos te agradecer César, imensamente, esse belíssimo depoimento que você deu, e muito agradecidos pela sua presença nessa tarde de sexta feira, dia vinte de janeiro de dois mil e doze.

C.L. – Dia de São Sebastião, não é? E, para vocês que estão me assistindo, é o retratode um menino batalhador, de uma família humilde, guerreiro. Deus deu o dom e eu aproveitei, e meus irmãos seguiram o caminho do mais velho, o Caio presente aqui, para o Bruno o meu abraço, que Deus seja bom com você, cara, como ele foi comigo, como ele é comigo, não é, que você vai ser feliz em tua carreira. Bernardo, que Deus abençoe irmão, que uma vez, sempre, não é verdade? O...

B.H. – Fernando.

C.L. – O Fernando é, o Fernando, não é, Fernando é irmãozão, bom cinegrafista, esperamos que você amanhã esteja na poderosa indo pelo mundo afora, não é, e a nossa produtora... [Risos]

B.H. – Recolhe seu autógrafo aí, está aqui a postos.

Transcrição

C.L. – Que é minha irmãzona, não é, que seja muito feliz, muito obrigado. Uma entrevista gostosa, um bate papo gostoso, e esperamos que vocês consigam grandes entrevistas, e se vocês não conseguirem algum endereço fala com o Caio, fala comigo, e o quem eu puder arrumar, mas tem que ser do passado, não é, que os jovens, os jogadores de hoje não tem história e quem não tem história não é ninguém. [Risos] Um abraço! Fiquem com Deus, que Deus abençoe a vocês que estão nos assistindo, um abraço.

B.H. – Obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]